

REVISTA

EDIÇÃO Nº 86 | AGOSTO DE 2022

# CONEXÃO LITERATURA

PORQUE AMAMOS LIVROS

Distribuição Gratuita

ISSN 2448-1068

www.revistaconexaoaliteratura.com.br

**CONFIRA**

ARTIGOS, RESENHAS  
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,  
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS  
E MUITO MAIS...

CONHEÇA O  
NOVO ROMANCE  
EU TOQUEI O INFINITO  
DA AUTORA  
ROSA FALAK  
PÁG. 11



TRINTA NAMOROS ANIMAIS EM  
HAICAI  
POR ELIDIOMAR RIBEIRO DA  
SILVA, PÁG. 12

# ÍNDICE

# CONTÉÚDO

**Expediente, pág. 03**

**Editorial, pág. 04**

**Crônica: Ugabubuga, por Bert Jr., pág. 06**

**Poema: Sumo, por Bert Jr., pág. 10**

**Conheça o livro "Eu toquei o infinito, da autora Rosa Falak, pág. 11**

**Trinta namoros animais em haikai, por Elidiomar Ribeiro da Silva, pág. 12**

**Poemas de Hamilton de Jesus Miranda, pág. 17**

**Crônica: Faxina no quarto...! Faxina na vida...!, por Veroni Martins, pág. 22**

**Crônica: A morte em um dia de feriado, por Altair Sofientini Ciecowski, pág. 26**

**Poema: Mulheres, essência, escansão, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 29**

**Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 31**

**Poemas de Augusta Arakawa, pág. 35**

**Poemas de Wanda Rop, pág. 40**

**Poemas de Sílvia Grijó, pág. 45**

**Entrevista com o escritor Helton Timoteo, pág. 52**

**Entrevista com a escritora Lucia Helena, pág. 59**

**Entrevista com o escritor Márcio Martinello Sanches, pág. 64**

**Entrevista com o escritor Massilon Silva, pág. 68**

**Citações de grandes autores, pág. 72**

**Conto: O forasteiro misterioso, por Alex Vilaron, pág. 77**

**Conto: A crisálida, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 84**

**Conto: Deslize ou vertigem, por Idicampos, pág. 90**

**Conto: "Salvadores da pátria", por Iraci Marin, pág. 93**

**Conto: Cortiço Vento Forte, por Mónica Palacios, pág. 96**

**Conto: A sexta vítima, por Roberto Schima, pág. 99**

**Conto: Mistério em Ouro Preto, pág. 103**

**Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 108**



## NESTA EDIÇÃO

*Dicas para leitura*

*Entrevistas*

*Artigos*

*Poemas e Contos*

## CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

"Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo."

## MARIO QUINTANA

"Tão bom morrer de amor! E continuar vivendo."

## QUEM FAZ A REVISTA

### EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

### CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

### ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

CONTATO:  [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

Editor



Ademir  
Pascale

## EDITORIAL

Queridos leitores!

O mês de agosto inicia com ótimas dicas de livros, poemas, contos e crônicas, além de entrevistas com escritores. Já são 86 edições disponíveis gratuitamente em nosso site e para baixá-las, [clique aqui](#).

Para saber como participar da nossa edição de setembro/2022, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: [clique aqui](#).

Tenham uma ótima leitura!

*Ademir Pascale*

CONTATO:

e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

# divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

## Revista Conexão Literatura



**ENTRE EM CONTATO**  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



# UGABUBUGA

POR BERT JR.



UM GRUPO DE CIENTISTAS LUSÓFONOS, ENTRE OS QUAIS ALGUNS DOS NOSSOS, FEZ UMA DESCOBERTA IMPRESSIONANTE NO CAMPO LINGUÍSTICO-CULTURAL DA EVOLUÇÃO. NÃO À TOA A EXPRESSÃO “UGABUGA” VEM SENDO USADA HÁ GERAÇÕES PARA DEFINIR, EMBORA DE FORMA UM TANTO JOCOSA, OS PRIMÓRDIOS DA COMUNICAÇÃO NA ESPÉCIE HUMANA.

Um grupo de cientistas lusófonos, entre os quais alguns dos nossos, fez uma descoberta impressionante no campo linguístico-cultural da evolução. Não à toa a expressão “ugabuga” vem sendo usada há gerações para definir, embora de forma um tanto jocosa, os primórdios da comunicação na espécie humana. Parece incrível, mas “ugabuga” poderia, de fato, representar uma sobrevivência da primeira palavra-frase articulada pela humanidade: “Ugabubuga”.

A hipótese se apoia na ideia de que, ao contrário do que pensamos, na história evolutiva da linguagem as palavras não teriam antecedido as frases. O que primeiro surgiu como núcleo de significado teriam sido estruturas de sentido mais extenso do que as simples palavras; tais estruturas corresponderiam a sequências sonoras aglutinadas, formando um enunciado primitivo. Se estivéssemos falando de música, diríamos que primeiro teriam vindo à luz trechos melódicos, depois as notas e os acordes. Esses núcleos duros de primitivo sentido semântico são denominados fralavras (fusão de palavra e frase).

Ao pesquisar as sobrevivências linguísticas arcaicas no inconsciente coletivo, os paleofilólogos identificaram em “ugabuga” e “gugu-dadá” (ou “dadá-gugu”) fortes indícios de que poderiam haver pertencido às hipotéticas estruturas denominadas fralavras. Talvez esses dois conjuntos fossem parte de uma mesma fralavra, mas isso é mera especulação. Dada a complexidade da matéria, deverá tardar ainda algumas décadas até que esse ponto seja definitivamente esclarecido.

De acordo com os pesquisadores, as fralavras encerravam um complexo de significados possíveis. “Ugabubuga” poderia, assim, expressar coisas tão distintas quanto declarações de amor ou protestos de fome, variando do sedutor ao irritadiço. A primeira grande clivagem entre as famílias linguísticas teria ocorrido, talvez, antes mesmo do sapiens ter-se tornado a espécie humana predominante para, a seguir, conquistar o posto exclusivo de única espécie humana do planeta. Nesse contexto pré-histórico, o processo evolutivo na esfera cultural teria levado um grupo linguístico a desenvolver-se com base no recurso à entonação como meio de atribuir diferentes sentidos à mesma fralavra. Pode-se, assim, imaginar que a fralavra “Ugabubuga” possuísse um determinado significado, se articulada de forma plana, e outro muito distinto, se articulada com sinuosidades sonoras: uugaáábubuuugaáãã. Esse teria constituído o caminho que acabaria conduzindo às línguas tonais, como as faladas hoje na China e outros países asiáticos.

Acreditam alguns cientistas que, no ocidente, a linhagem das línguas tonais não tenha prosperado por haver estado ligada sobretudo aos neandertais. Habitantes de regiões frias, vivendo em estruturas tribais menores, os neandertais teriam desenvolvido a arte do canto para melhor suportar os longos invernos boreais. Sua habilidade como cantores, aplicada à fala primitiva, teria propiciado o surgimento de um sem-número de variações de sentido para as poucas fralavras disponíveis. Essa profusão de significados teria resultado num emaranhado comunicativo atroz, que, segundo alguns pesquisadores, estaria entre as explicações para o desaparecimento daquela população humana.

O grande grupo linguístico formado pelos idiomas ocidentais acabou tendo origem na divisão das fralavras de antanho. Nesse percurso, teria sido a decomposição de tais estruturas em núcleos menores de sentido o que teria levado ao desenvolvimento e, por conseguinte, ao enriquecimento da linguagem. Em vez de atribuir significado por meio de variações tonais, essa família linguística apostou no fracionamento das fralavras primitivas, e na recombinação de seus fragmentos, para construir o que viriam a ser os elementos hoje presentes na fala: as palavras e frases.

Em tal contexto, muitos acreditam que a primeira segmentação sofrida pela estrutura “Ugabubuga” tenha sido “U gabu buga”, o que corresponderia, no balbuciente dialeto da época, a “Eu (te) amo mãe”. Aos que veem nessa fórmula algo essencialmente pueril e, mesmo, ridículo, recomenda-se refletir sobre a inegável centralidade do fenômeno afetivo mãe-prole em todos os mamíferos conhecidos, sendo o reforço e aprofundamento desse vínculo vital um dos fatores que mais têm impulsionado a sociabilidade humana ao longo dos tempos. Portanto, soa bastante lógico que “Eu (te) amo mãe” possa ter sido a primeira fixação de sentido a assentar-se sobre os núcleos fracionados da fralavra primitiva “Ugabubuga”.

Não obstante a força socioantropológica do argumento anterior, um grupo numeroso, formado principalmente por paleofilólogos evolucionistas, vem defendendo a ideia alternativa de que a primeira divisão da matriz “Ugabubuga” teria sido “Uga bubuga”, que significaria “Eu quero isso”. O grupo, entretanto, é marcado por profunda cisão interna. De um lado, estão os que acham que “Uga” corresponderia a “Eu quero” e “bubuga” a “isso (aí)”. Outros pensam que “Uga” seria simplesmente “Eu” e “bubuga”, “quero (isso)”. Seja como for, a hipótese geral do grupo tem forte amparo na ciência da filologia, a qual considera logicamente mais provável que a primeira divisão de “Ugabubuga” tivesse dado origem a dois núcleos de sentido (“Uga bubuga”) e não a três (“U gabu buga”).

Um terceiro grupo, menos numeroso, apregoa que a estrutura “Ugabubuga” teria sido, de início, fracionada em “Uga bubu ga”, cujo significado seria “Eu odeio isso (esse aí)”. Este grupo é formado por paleoantropólogos que atribuem grande peso evolutivo à agressividade primária e às atitudes egoístas, que tenderiam a afirmar o ego individual de modo mais eficaz do que os laços amorosos. Antes, portanto, de gratificar a mãe, expressando ternura em retribuição ao aconchego materno, o *homo* primitivo teria julgado mais urgente deixar claro que não gostava nadinha que o irmão mais velho, ou primo, viesse disputar o seu espaço privilegiado junto à figura materna. Daí, a alegada precedência de “Uga bubu ga”, ou seja: “Eu odeio isso (esse aí)”.

A hipótese apresentada pelo terceiro grupo de pesquisadores acabou por inspirar a formação de um quarto e, ainda, um quinto grupo. Com base nas mesmas premissas teóricas do terceiro, o quarto grupo se mostra convencido de que a divisão primordial de “Ugabubuga” teria sido “Uga bu buga”, querendo dizer “Não (me) enche o saco”.

Na mesma linha, o quinto e último grupo, menos numeroso devido a ser o mais recente dos cinco, propugna pela ideia de que a primeira frase articulada pela humanidade



tenha sido “U gabu bu ga”. Esta hipótese é fortalecida pelo fato de que sua tradução – literalmente: “Vai se ferrar, meu” – representa um extraordinário prenúncio do tipo de sociabilidade que, milhares de anos mais tarde, viria a predominar ao longo do processo civilizatório, perdurando até os dias atuais.



**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Acaba de lançar um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino* (ed. Versiprosa, 2022). Tenciona publicar, em breve, um segundo livro de poesia.

Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).

# SUMO

POR BERT JR.

Espremem-se pessoas  
no caminho  
para o trabalho  
premem-se por resultados  
espremem-se em filas  
disso e daquilo  
junto a balcões  
em salas de espera  
entre selfies notícias moléculas de  
ar rarefeito  
nos lares  
se sobrespremem  
em torno da mesa  
pouquíssimo ou nada  
exprimem  
de si  
o sumo  
trans-  
bordando viscoso  
nos sofás  
quartos  
colchões  
travesseiros  
fechaduras  
gavetas  
relevos ínfimos

no tráfego silencioso  
o tempo não calculado  
entre evaporar  
e secar

## SOBRE O AUTOR

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Acaba de lançar um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino* (ed. Versiprosa, 2022). Tenciona publicar, em breve, um segundo livro de poesia. Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).



ROSA FALAK

LANÇAMENTO

# EU TOQUEI O INFINITO

O AMOR HABITA NO IMPONDERÁVEL POR ROSA FALAK


## SINOPSE

Patrícia tem 28 anos e trabalha como garota de programa sob o nome de Estela. Certa noite, um sujeito de olhos negros aparece e, sem falar muito com ela, paga por sexo. O lacônico empresário volta no dia seguinte e faz uma proposta: que ela se torne acompanhante de luxo exclusiva dele, recebendo em troca um apartamento, todas as contas pagas e muitas viagens.

Patrícia não quer se envolver mas precisa resolver um problema familiar com o dinheiro e concorda. Começa assim um relacionamento conturbado com Wagner, que a ignora, insulta, mas não consegue ficar longe dela. Paixão que atrai a ira de Marieva, ex-mulher que faz tudo para atrapalhar o casal.

O empresário atraente, frio e misterioso precisa lidar com seus preconceitos, e Patrícia resolver o seu passado para que a relação entre os dois tenha alguma chance de virar amor.

## PÁGINAS DA AUTORA

 <https://www.facebook.com/AutoraRosaFalak>

 @rosafalakoficial

 [www.rosafalak.com.br](http://www.rosafalak.com.br)

## PARA ADQUIRIR

Amazon: <https://amzn.to/3OrlnG8>

Clube de Autores: <https://clubedeautores.com.br/livro/eu-toquei-o-infinito>

# TRINTA NAMOROS ANIMAIS EM HAICAI

(Uma lição de aceitação e diversidade para o bicho-homem)

Por Elidiomar Ribeiro da Silva



O **erotismo** não foi invenção humana. Nossos irmãos de reino animal também têm seus jogos e estratégias de sedução, conquista, namoro, casamento. Em nome da perpetuação de suas respectivas espécies, há animais em que o sexo se dá entre iguais; há os românticos em que, uma vez escolhido o parceiro, o casamento dura para sempre; há os poligâmicos, com total liberdade de parcerias e convivências; há os que trocam de gênero quando a situação ambiental pede; há os que se reproduzem sem sexo; há as que nem precisam de namorado, resolvem as coisas por si só, com independência e eficiência. Há de tudo, sem barreiras, preconceitos ou amarras. A única regra é a que diz que cada espécie dita a sua própria regra, soprada pela evolução, moldada pela seleção natural.

Originário do Japão, o haicai é um subgênero literário, com caráter lírico, um tipo de poesia com forma fixa; apresenta três versos, sendo o primeiro e o terceiro com cinco sílabas (redondilhas menores), e o segundo com sete (redondilha maior). Portanto, é uma poesia objetiva e sintética. O haicai tradicional não possui título nem rimas, apresentando temática bucólica.

Juntar a forma plácida e minimalista de se perceber o mundo, representada pelo haicai, com a pujança explosiva da reprodução animal é um desafio e tanto. Mas os diferentes podem ser complementares, complexos, inclusivos. Lógica e sentido podem (por que não?) nascer das pluralidades.

Voltando ao amor... Sim, o amor não é exclusividade nossa. Os bichos também amam, e muito! Que a pureza narrativa e poética do haicai conte um pouquinho das peripécias eróticas de alguns grupos animais. Considere-se convidado a apreciar um recorte dessas estratégias reprodutivas que, ao longo do tempo, resultaram na imensa biodiversidade do planeta Terra.



Cavalo-marinho  
Após acasalamento  
Papai é que pare

Namoro de longe  
Hermafrodita crustáceo  
Cracas se ajeitam

Em muco sem regra  
Se espetam entre si  
Amor caramujo

No voo namoram  
Libélulas do verão  
Em sessenta e nove

Baixo de lençóis  
Têm cócegas de paixão  
Enlace de pulgas

Manhã sai da terra  
Vespertina serenata  
Vida de cigarra

Com dança de passos  
Escorpião dá presente  
Pra sua namorada

Buquê de gametas  
Presente de precisão  
Que ganha a aranha

De pés na cabeça  
Numa noite enluarada  
Casam-se piolhos

Noitinha de maio  
Efêmeras bailarinas  
Rabiscam o vento

Sadismo do macho  
Mazoquismo feminino  
Verme-aveludado

Na praia lotada  
Dos elefantes-marinhos  
Os fortes namoram



Se é ela discreta  
Ele é galante em cor  
Ave-paraíso

Rei dos animais  
Mas quem manda é a rainha  
Reino de leões

O peixe era ele  
Mas pode se tornar ela  
O peixe-palhaço

Ninguém de ninguém  
Namoro comunitário  
No clã dos bonobos

Amor é pra sempre  
Até que a morte separe  
Entre papagaios

A hidra que brota  
Tão idêntica à mamãe  
Partenogenética

Quem vive no mar  
Namora na praia limpa  
Merostomata

Dureza atrapalha  
O namoro do siri  
Melhor pós ecdise

Pavoa encantada  
Com pavão cor de cobalto  
Pavo celestial

Bem-te-vi menina  
Dali canta o namorado  
Onomatopeia

Avestruz é pai  
Monta ninho, choca os ovos  
Amor de parceiro

Chupim larga os ovos  
Pro tico-tico criar  
São pais os que cuidam

De amarelo-vivo  
Pele nua do pescoço  
A condor quer par

Amor de jumento  
Pela égua encantado  
Nasce burro ou mula

Bardoto herdou  
Do pai cavalo a figura  
E a força da jumenta

Doce feromônio  
Da fêmea encasulada  
Encanta o alado

Moça embióptera  
Espera a fêmea parada  
Visita de noivos

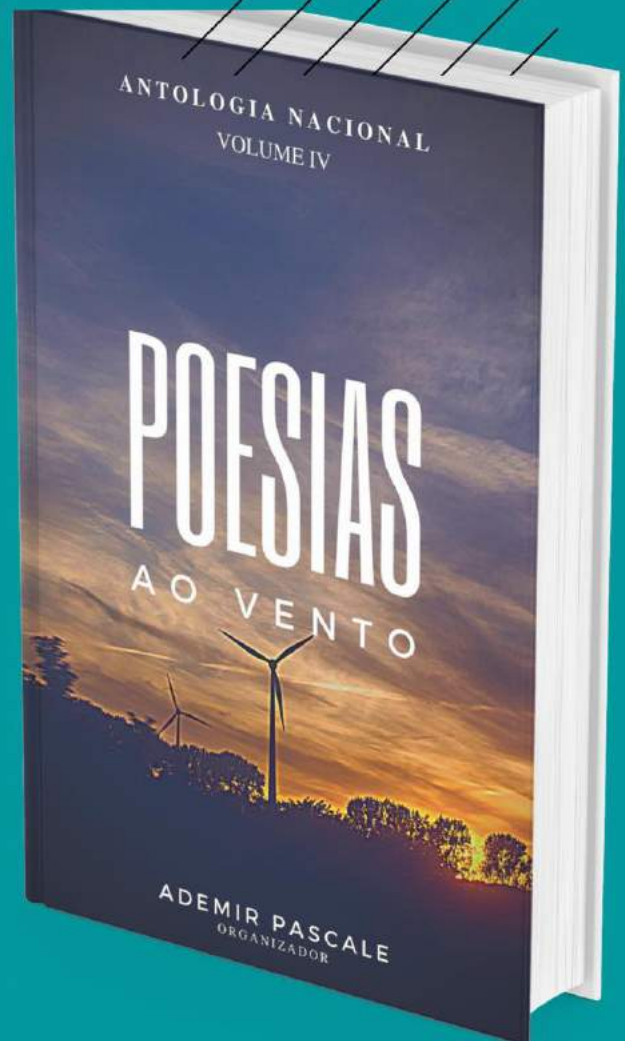
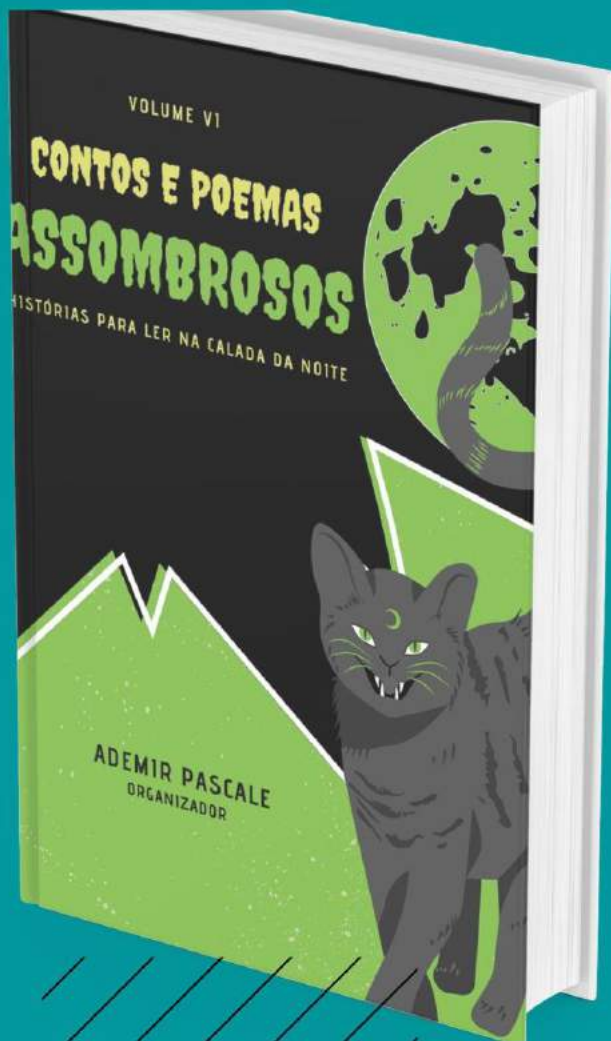
#### SOBRE O AUTOR:

Elidiomar Ribeiro da Silva é biólogo formado pela UFRJ, mestre e doutor em Zoologia pelo Museu Nacional/UFRJ, professor do Instituto de Biociências da UNIRIO, onde coordena o Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural. Organizador do Colóquio de Zoologia Cultural e da Mostra de Biologia Cultural, é editor-adjunto da revista A Bruxa e editor do zine Homem-Leoa.



## DICAS PARA LEITURA

CONTOS E POEMAS ASSOMBROSOS REÚNE CONTOS E POEMAS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).



POESIAS AO VENTO É MAIS UMA ANTOLOGIA DE POEMAS ORGANIZADA PELO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE, UMA REUNIÃO DE TEXTOS DE ALGUNS DOS MELHORES ESCRITORES NACIONAIS. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).



# MÃE SANTÍSSIMA

**POR HAMILTON DE JESUS MIRANDA**

Nossa Senhora D' Assunção!  
Poesia de todos os lares  
A direção certa de todos os olhares  
A palavra que rompe desertos e mares!

Nossa Senhora D' Assunção!  
Junção de todos os afetos  
Esperança sagrada das noites incontáveis  
A voz que guia passos tortuosos,  
mostrando o caminho da luz!

Nossa Senhora D' Assunção!  
O manto sagrado que afaga e consagra  
O Verbo que inspira palavras de mansidão  
Oração mais certa, alimento diário de cada irmão!

Nossa Senhora D' Assunção!  
Força divina nas horas incertas  
A mão que acalanta a todos sem nada pedir  
Ser que purifica a alma e o amor de Jesus nos faz  
sentir.

Ó Mãe Santíssima!  
Derrama sobre nós a sua luz!  
Nos capacita além de nossas vontades!  
Nos toma no seu colo protetor!  
Nos torna instrumento do seu amor!

Ó Mãe Santíssima!  
Seguir-te é a nossa maior vocação!  
Seus planos para nós nos traz salvação!  
Conduza-nos todos os dias em nossa missão!  
De falar do seu amor,  
Do seu poder,  
E da sua proteção, Ó Mãe!  
A todas as nações!

# ARTE MUSA

POR HAMILTON DE JESUS MIRANDA



Gosto de te olhar com alma de poeta  
De ser sensível às nuances do seu corpo  
e rabiscá-las no peito meu

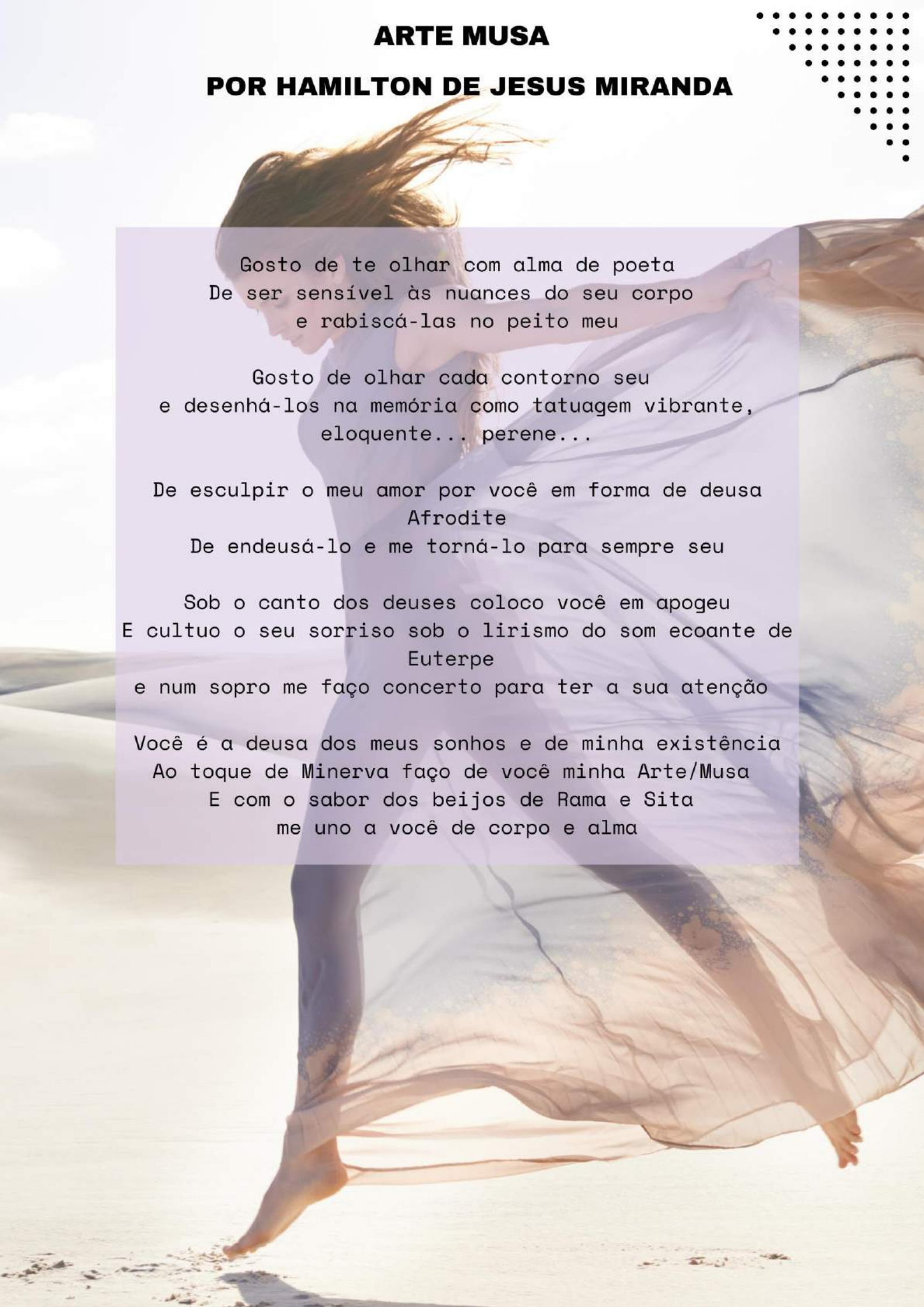
Gosto de olhar cada contorno seu  
e desenhá-los na memória como tatuagem vibrante,  
eloquente... perene...

De esculpir o meu amor por você em forma de deusa  
Afrodite

De endeusá-lo e me torná-lo para sempre seu

Sob o canto dos deuses coloco você em apogeu  
E cultuo o seu sorriso sob o lirismo do som ecoante de  
Euterpe  
e num sopro me faço concerto para ter a sua atenção

Você é a deusa dos meus sonhos e de minha existência  
Ao toque de Minerva faço de você minha Arte/Musa  
E com o sabor dos beijos de Rama e Sita  
me uno a você de corpo e alma



# A ARTE

## POR HAMILTON DE JESUS MIRANDA



A arte do corpo  
A arte da mente  
A arte ausente da contemplação.

A arte como denúncia  
A arte como ação  
A arte como resistência  
no mundo da opressão.

A arte como liberdade  
A arte pra se envolver  
A arte como manifesto  
Contra censura e poder.

A arte adormece o silêncio  
A arte libera o grito  
A arte tem o seu jeito  
de penetrar no infinito.

A arte caminha no tempo  
A arte atrai multidão  
A arte desfaz solidão  
E manifesta a paixão.

A arte distrai o tempo  
A arte revela o amor  
A arte tranquiliza o sono  
A arte desfaz a dor.

A arte é empatia  
A arte mostra vivência  
A arte demonstra força  
A arte é Resistência.



Hamilton de Jesus Miranda nasceu em Oeiras do Pará/PA. É escritor, poeta, professor e autor de duas obras autorais. Tem experiência como organizador de antologias e de prefaciador de obras literárias. Já participou como coautor de diversos livros acadêmicos e antologias poéticas. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB) e da Academia Internacional de Literatura e Artes Poetas Além do Tempo (AILAP). O escritor é Especialista em Literatura e Leitura e Mestre em Língua Portuguesa pelo Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) – UFPA. Atua também na área de planejamento educacional e formação continuada de professores.



# PACOTE

## DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU  
**LIVRO** CONOSCO

× × × ×  
× × × ×  
× × × ×  
× × × ×

- **DIVULGUE  
PARA + DE  
200 MIL  
LEITORES**

**R\$ 150**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)



- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)**

# NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



## Journal em São Paulo

Três jovens interligados vivenciam as feridas que nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo.

MAFRA  
ÉDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

**BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: [CLIQUE AQUI](#)**

MAFRA EDITIONS  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



# FAXINA NO QUARTO...! FAXINA NA VIDA...!

POR VERONI MARTINS

Quanta metáfora do cotidiano. Numa faxina da vida jogue fora tudo que te faz mal, que atrapalha tua felicidade. Escolha ser feliz. Junte somente o que te faz feliz. Nunca junte entulhos. Não acumule lixo de maneira alguma. Ele sempre faz um tremendo mal.



**V**i esta frase no perfil do MSN de minha afilhada. Ela havia tirado aquele dia para fazer uma faxina geral no seu quarto. E enquanto fazia a faxina no quarto também fazia uma faxina na vida.

Comentei com ela que Drummond tinha um poema que falava bem isso. E ela disse: É mesmo? Tem ele aí? Manda pra mim, madrinha...!

Corri mais que prontamente ao Google e num piscar de olhos mandei o poema para ela: Recomeçar – Carlos Drummond de Andrade.

Ela ao receber disse-me: é lindo...! – lindo mesmo, lindo demais – disse-me como se estivesse descobrindo uma porção alquímica com o segredo da felicidade. Aquele poema já havia me inspirado em muitos momentos que precisei ter a coragem pra recomeçar. Não foram poucos os momentos. E, hoje estava indicando a esta porção mágica à minha afilhada.

Quantas e quantas vezes tivemos que recomeçar. Começar tudo de novo. Abrir uma nova página. Arrancar. Amassar e jogar fora páginas passadas. Quem ainda não disse para si mesmo: Levanta. Sacode a poeira e dar volta por cima.

Quem não sofreu por amor que atire a primeira pedra. Quem não se dedicou inteiramente a alguém e este alguém simplesmente um dia repentinamente, pede para deixá-lo em paz.

Quem não perdeu alguém que ama que passou a brilhar na constelação eterna? Um sentimento indizível...! Uma saudade infinita...! Só quem já passou é capaz de compreender tal sentimento.

Quem nunca se sentiu sozinho em meio a uma multidão? Bastava um olhar, um sorriso, uma palavra tua. Mas, sabia que nunca mais voltaria, nunca mais a teria.

Quantas e quantas vezes fazemos promessas a nós mesmos de mudança de vida e não conseguimos cumpri-las. Quantas vezes até escrevemos atitudes a serem assumidas por nós. Mas, elas não saem do papel.

Quando tiramos para fazer uma faxina geral, tudo isto vem a tona: Nossos entulhos, nosso lixo mental, nossas bugigangas. É preciso paciência e decisão. É preciso separar, selecionar. O que for possível reciclar, levar a uma usina de reciclagem. O que não for, jogar fora.

Outro exercício a ser feito é perceber de onde veio tanto lixo. Descobrir formas de manter maior energia: evitar o desperdício, trocar lâmpadas, não pegar sacolas de plásticos no supermercado, desligar a torneira ao escovar os dentes...

Quanta metáfora do cotidiano. Numa faxina da vida jogue fora tudo que te faz mal, que atrapalha tua felicidade. Escolha ser feliz. Junte somente o que te faz feliz. Nunca junte entulhos. Não acumule lixo de maneira alguma. Ele sempre faz um tremendo mal.

Não tenha medo de fazer quantas faxinas se fizer necessário por dia, por semana, por mês, por ano. Limpe sua casa. Não deixe que os ratos te surpreendam catando lixo em tua casa. Não deixe que as baratas passem nos corredores.

Mantenha tua casa sempre limpa, onde as borboletas possam vir e pousar serenamente. Mantenha sua vida sempre arejada, limpa, clara, com um cheirinho leve e suave de jasmim.



**Veroni Martins**

**SOBRE A AUTORA:**

**Natural de Apuiarés - CE. Desde o ano 2000 está no Tocantins. Professora da Educação básica, escritora, poetisa, educadora popular, sindicalista, feminista e ativista de Direitos Humanos. Militante do MAC, MARCA, MEDH, MNDH, RECID, AMB e SINTET. É também autora do livro Poesia, Renda e Luz que foi publicado em 2009. Participou de diversas antologias e coletâneas: Sarau Brasil 2021, Anuário dos poetas e escritores tocantinenses, Coletânea de poemas, Entrelinhas do silêncio, No chão da escola, Brincadeiras de infância em cordel, Borboletear, Florir poético, Donna, Não vão nos calar, Tempo, dentre outras.**

**Redes Sociais:**

**[www.facebook.com.br/Veroni.martins](http://www.facebook.com.br/Veroni.martins)**

**@veroni\_martins**



**22 de agosto**  
**DIA DO FOLCLORE BRASILEIRO**



**VALORIZE A**  
**CULTURA NACIONAL**

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



**POR  
ALTAIR SOFIENTINI CIECOSKI**

# **A MORTE EM UM DIA DE FERIADO**

---

Essa escrita nasceu na tarde do dia 16 de junho de 2022. Foi gestada, no entanto, ainda de manhã, na solenidade de *Corpus Christi*. Feriado em alguns locais, facultativo em tantos outros, faz-se memória ao Corpo de Cristo. Assim como segue o dia e a vida, os fiéis seguem em procissão com cantos e louvores. Caminham ao lado de tapetes coloridos com tradicionais simbologias católicas. Consolador pensar que o Cristo que morreu por nós continua vivo, presente.

Estranho. Quando as ideias estão em profusão, pensamentos pululam de forma inevitável. Peguei-me pensando, subitamente, em procissões de grandes obras. Pessoas caminhando e avançando sobre livros. Como a ideia me pareceu muito conflitante com a fé que trago, tratei de me corrigir. Abstrair.

Reservei o período da tarde para minhas leituras habituais. Deparei-me, então, com o livro de ensaios de Octavio Paz, *Labirintos da solidão*. De pronto chamou minha atenção o processo de identificação com o povo mexicano, sua história, mitologia. Talvez esse seja o ponto de partida, jamais o ponto final.

Quero remeter a um dos ensaios de forma particular: *todos os santos, dia de finados*. “O solitário mexicano ama os feriados”, menciona Paz. Eu, que nada tenho de mexicano, vi-me, por momentos, filiando-me por adesão à cultura euro-ameríndia. Adoro feriados. Festas populares, feriados religiosos, civis, militares. Culto à vida e até, pasmem, celebração da morte!

Falarei sobre a morte. É bom comunicar isso antes de mais nada ao leitor. Aventuro-me nessa escrita como quem se atira na vida e sabe que ela terá fim, um dia. Mas não há razão para desespero, porém, para que o texto não se torne demasiado melancólico e soturno, resta assinalar que ela, a morte, é o fim da experiência humana individual, não da humanidade.

Em *O labirinto da solidão*, Octavio Paz adverte que é a nossa morte que ilumina a vida. Se a nossa morte carece de sentido, também a nossa vida não o teve. Também aí me vi “mexicaneando” conceitos. Quem vive uma vida capitalizando virtudes, não costuma temer a morte. Por outro lado, quem se dedica a praticar o mal, assusta-se com a possibilidade de extinção da matéria, mesmo que acredite ser, como tantos apregoam, tão somente matéria.

No caso mexicano, em suas canções, nos ditados, nas festas e reflexões populares, fica evidente que a morte não os assusta. E no finados, é dia de celebrar essa que nos “vinga da vida”.

Dizem os críticos que Octavio Paz durante sua estadia em Paris, conheceu e encantou-se por Albert Camus. Camus morreu em janeiro de 1960, vítima de acidente de automóvel. O escritor não queria viajar a Paris de carro, pretendia ir de trem. Já havia inclusive comprado a passagem. Por insistência de seu editor, aceitou. O carro chocou-se contra uma árvore. Somente Camus morreu na hora.

Não há exageros de minha parte em dizer que embora celebremos também a morte, ponto final dessa existência, sentimos grandemente a partida quando prematura e inesperada. Creio que Octavio Paz sentiu isso também.

Ao final desse dia, já sentindo que esse texto caminha para seu desfecho, proponho-me um descanso. É final de tarde e resolvo ligar a televisão. O cenário

televisivo é a região da terra indígena do Vale do Javari e o triste desfecho da história de um indigenista e de um jornalista. Lá está ela, a morte, mais uma vez.

Lembro aos leitores que hoje é dia de *Corpus Christi*, o Cristo que morreu para que tenhamos vida. Triste pensar isso ouvindo falar dos corpos despedaçados e mutilados dos abnegados defensores de nossa Amazônia.

Mas tenhamos bom ânimo: é o fim do homem, não da humanidade, disse eu há pouco. O homem vai, sua luta fica.

Chico Mendes, Dorothy Steng, Paulino Guajajara, Bruno Araújo Pereira, Dom Phillips...

Faltam 138 dias para o Dia de Finados.



**Altair Sofientini Ciecowski** é doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos literários – PPGEL - Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), possui graduação em Letras e especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Paranaense de Umuarama. É Mestre em Letras pelo Programa PPGLetras da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT- Sinop) com linha de pesquisa em Estudos literários. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Suas principais linhas de pesquisa são: identidade; história e ficção; nacionalismo e estudos pós-coloniais.

E-mail: [altairsofientini237@gmail.com](mailto:altairsofientini237@gmail.com)

# MULHERES, ESSÊNCIA, ESCANSÃO

## POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Desconfio que mulheres são poesias  
de rimas complexas, porém perfeitas...

Arranjadas métricas de ousadia;  
mulheres-estrofes de alma refeitas!

Seus versos "do real" e da fantasia  
são frases, cujas rimas são insuspeitas.

Mulheres são poemas de valentia...  
Composições para as quais não há receitas.

Visuais, líricas, épicas, modernas...

Mulheres não se dobram à escansão.

Seus versos sobrevivem às badernas

impostas pelo louco coração.

Mulheres são sonetos "à moderna".

O que menos importa é a perfeição!

In: ELAS, AS ARTES, A RIMA/ Organização Leida Reis e Letícia Cota.  
- Belo Horizonte: PÁGINAS EDITORA; Mulherio das Letras, 2022

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A - MANDALA -Itália, tendo participado do XXXIII Salão Internacional do Livro de Turim (outubro de 2021), como colunista da Revista Bilingue ACIMA Itália (OBA) e coautora de Antologia. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros, organizados pela ZL Books - Editora (New York, Portugal e, em 2021, Paris - França). É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura.



# EU PRECISO DE MAIS ESPAÇO

Quer mais espaço para divulgar  
o seu livro? Então entre em  
contato  
e solicite o nosso mídia kit:  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

**COM CARINHO, ACEITE!**  
**POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**

Pelas altas ondas do mar  
Então ultrapassadas  
Do coração... a calmaria  
Com carinho, a aceite!  
Trata-se de belo "momento"  
De rara alegria  
Aproveite... ponha-se a sonhar  
Com o Norte no pensamento  
Sacuda o interior  
Para com essa tamanha sensação  
Receber o belo e sonhado amor  
Mesmo que  
Esteja cansado o coração  
Para tamanho viver

Saiba assim  
Ser o fim  
Quando do mar  
Enxergar a calmaria  
Está a concretizar  
O esquecer  
Do passado  
Que, mal-amado  
Fez estremecer  
O singelo coração  
Pela intensa emoção  
E a sonhada calmaria  
Encharca-o, agora, de felicidade  
Antes dominada pela intensa saudade

# **OS CUIDADOS COM O AMOR**

## **POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA**

**Tome cuidado**

**Para, em nenhum "momento"  
Ser envolvido por discordância  
Em pleno dissabor**

**Como sempre, por ela amado  
Procure manter-se atento  
Tal qual com o brinquedo em sua infância  
Com raro e dedicado amor**

**A mulher sabe o que almeja  
Aquele aconchegar, bem suave, planeja  
Rico carinho que amortece ao coração**

**Deixe seus lábios beijar como se fosse a última vez  
Faça isso agora se ainda não o fez  
No seu interior sentirá a vitória e com grande emoção**



# QUANTA BELEZA

## POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Suavemente

O barulho do "silêncio", ao meu interior, se faz notar  
Levando todo o meu corpo ao amortecer  
Para com carinho observar cada detalhe de tão bela flor

Simplesmente

Delicadamente, procuro fixar o olhar  
Para que jamais a esqueça  
Você, travestida nas pétalas, representando o amor

A brisa colabora em todas para o tremular  
"Assanhadas" partículas do orvalho se deixam escorregar  
Como lágrimas por tanta emoção

Com devoção, abraço ao "silêncio", mesmo sozinho  
Tantas flores a apreciar pelo caminho  
Quanta beleza e alegria me traz ao coração



Joaquim Cândido de Gouvêa é escritor, letrista de várias músicas, economista com vários Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo poemas publicados no Brasil e no Exterior. Destacada participação no projeto da Editora Colibri em Lisboa-Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, iniciando na Edição 6 e, agora, já na Edição 21.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE. E outros dois, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa-Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título: SENTIMENTOS. AMOR. SAUDADE. Menção HONROSA no Livro VII PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa de Literatura.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, onde ocupa a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco letras contando coma parceira da RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

**“LER É CONHECER O MUNDO  
COM A IMAGINAÇÃO!”**

[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# PARA A CANTORA LAURA PAUSINI:

## O piano da Pausini Por Augusta Arakawa

Que Deus tenha dó  
Do piano de uma nota só  
Que chora, chora

Em marcha ré  
Tentando achar com fé  
O som que adora.

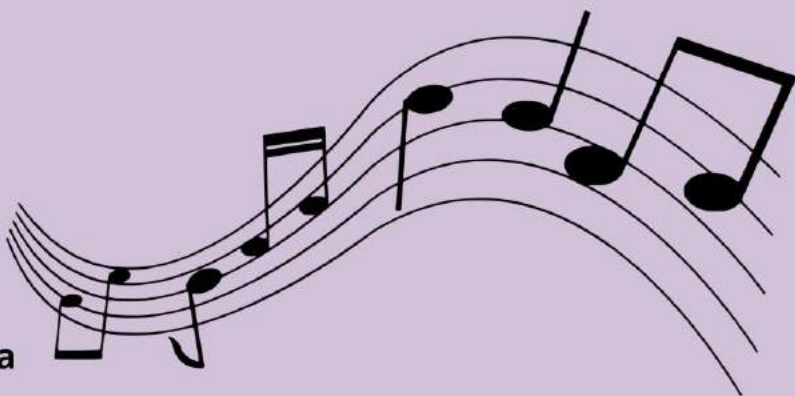
E faz mi mi mi  
E parou de rir  
Querendo ir embora

Desta vida que está  
Sem os irmãos fá, sol, lá, si.  
Enlouquecendo fora

De si!  
E Deus enviou o Sol  
Para aquecer o piano agora

Que espantou o pó  
Unindo as notas como um nó.  
Formando o som criado pela senhora

Que voltou a sorrir,  
Criando a música do coração  
E se unindo aos irmãos sem demora!



# **ANO INTEIRO**

**Por Augusta Arakawa**

**Tem gente  
Que busca no açougueiro  
Perfume e bom cheiro.**

**Tem gente  
Que busca no enfermeiro  
Encontrar grande agulheiro.**

**Tem gente  
Que busca no cozinheiro  
A roupa limpa de marinheiro.**

**Tem gente  
Que busca no cachaceiro  
A sobriedade e muito dinheiro.**

**Eu busco  
O amor verdadeiro  
Em Jesus, meu companheiro.**

**E encontro  
O bom cheiro  
Vendo a Pausini cantar no chuisqueiro**

**Dizendo me amar o ano inteiro!**



# APRENDER A AMAR

Por Augusta Arakawa



Vi um policial  
Ao lado da imagem  
Da Santa Maria  
Matando um animal

Que era ele sem sinal  
E sem a coragem  
De amar o que parecia  
Uma pessoa do mal.

O tal animal  
Era a criança em abordagem  
Que só queria  
Ser amada antes do Natal.

Isso aconteceu  
Porque a luz da artista  
Não entrou no coração  
De quem devia curar a quem bateu.

E vi que alguém acolheu  
Com os braços de anestesista  
Um choro caído ao chão  
Porque com a Laura o amor ele aprendeu.



# ADIVINHA

Por Augusta Arakawa

**Agorinha**

Eu ia comer a bananinha  
Vendo aquele coelho  
Sem asinha.

**Adivinha**

O que encontrei na feirinha?  
A coleção de seus beijos no meu joelho  
Que parou de doer com a sua mãozinha.

**Uma avozinha**

Me disse como se alinha  
E prende o amor no evangelho  
Pra surgir estrelinha.

**Adivinha?**

A gente prende na bainha  
Do coração a luz vermelhinha  
E segue o conselho  
Que Jesus mantinha:

**Amar até ficar velhinha**

E cantar com a Laura que se diz facinha  
Diante do espelho  
Da vida que ela tem com a minha.



## **SOBRE A AUTORA:**

Augusta Arakawa é natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" (Shan editores, 2006, para a Biblioteca de Alexandria no Egito em parceria com a Unesco) e o e-book "Lembranças" publicado pela UNIFAL - MG em 2022 (Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais).



14 de Agosto  
Feliz Dia  
dos Pais

SÃO OS VOTOS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ALMAS GÊMEAS

Por Wanda Rop



Somos um do outro desde a raiz  
Almas interligadas em aconchego  
Seu amor é tudo que sempre quis  
Sua ausência me provoca medo

Inesquecíveis detalhes do seu ser  
Somos tão semelhantes em nosso querer  
Transcendendo o tempo e a realidade  
Em todas as existências, unidos pela saudade

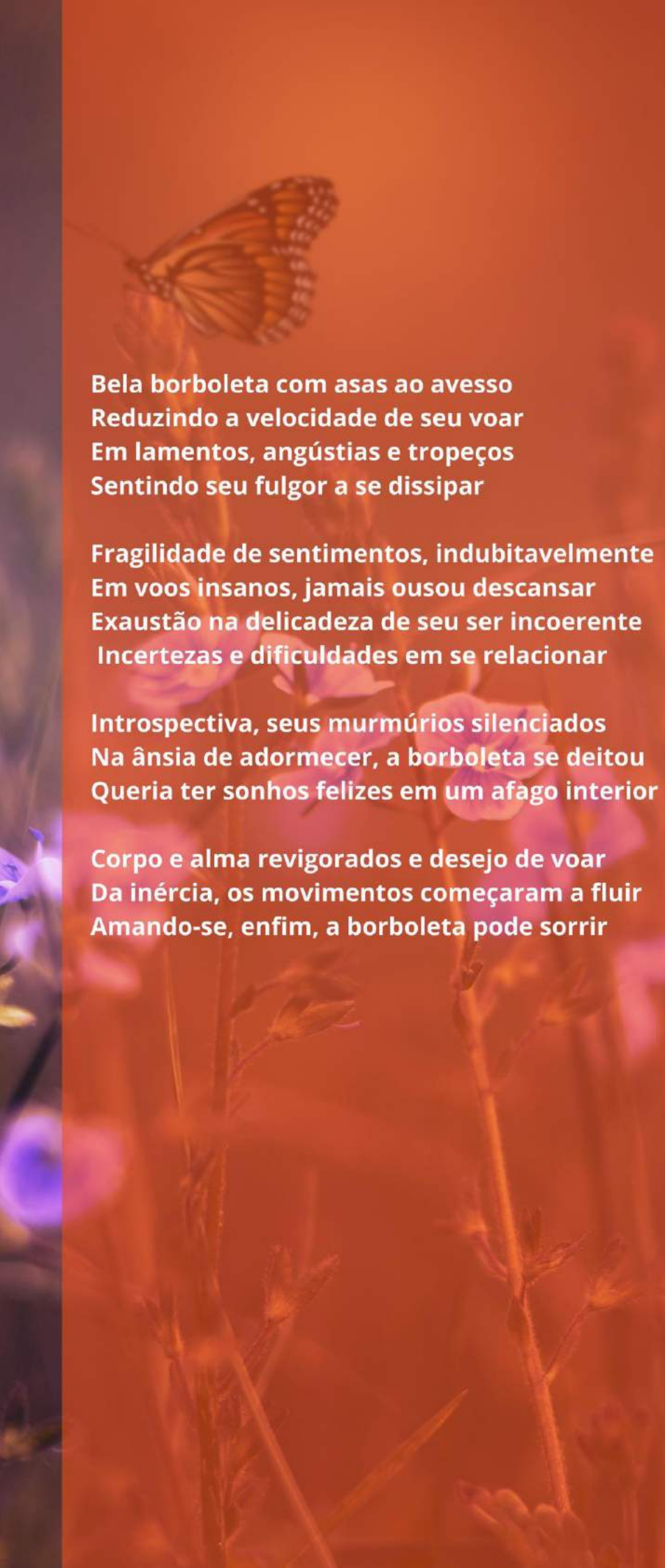
Almas amantes e transparentes  
Ansiando a abertura das pontes  
Seguimos na mesma direção  
Olhares brilhosos em busca do horizonte

A delicadeza dos meus carinhos excitantes  
Em cada centímetro do seu corpo deslumbrante  
Perco-me na beleza intensa das suas curvas  
Deslumbro-me, apaixonado, em noites de lua



# AFAGAR-SE

Por Wanda Rop




Bela borboleta com asas ao avesso  
Reduzindo a velocidade de seu voar  
Em lamentos, angústias e tropeços  
Sentindo seu fulgor a se dissipar

Fragilidade de sentimentos, indubitavelmente  
Em voos insanos, jamais ousou descansar  
Exaustão na delicadeza de seu ser incoerente  
Incertezas e dificuldades em se relacionar

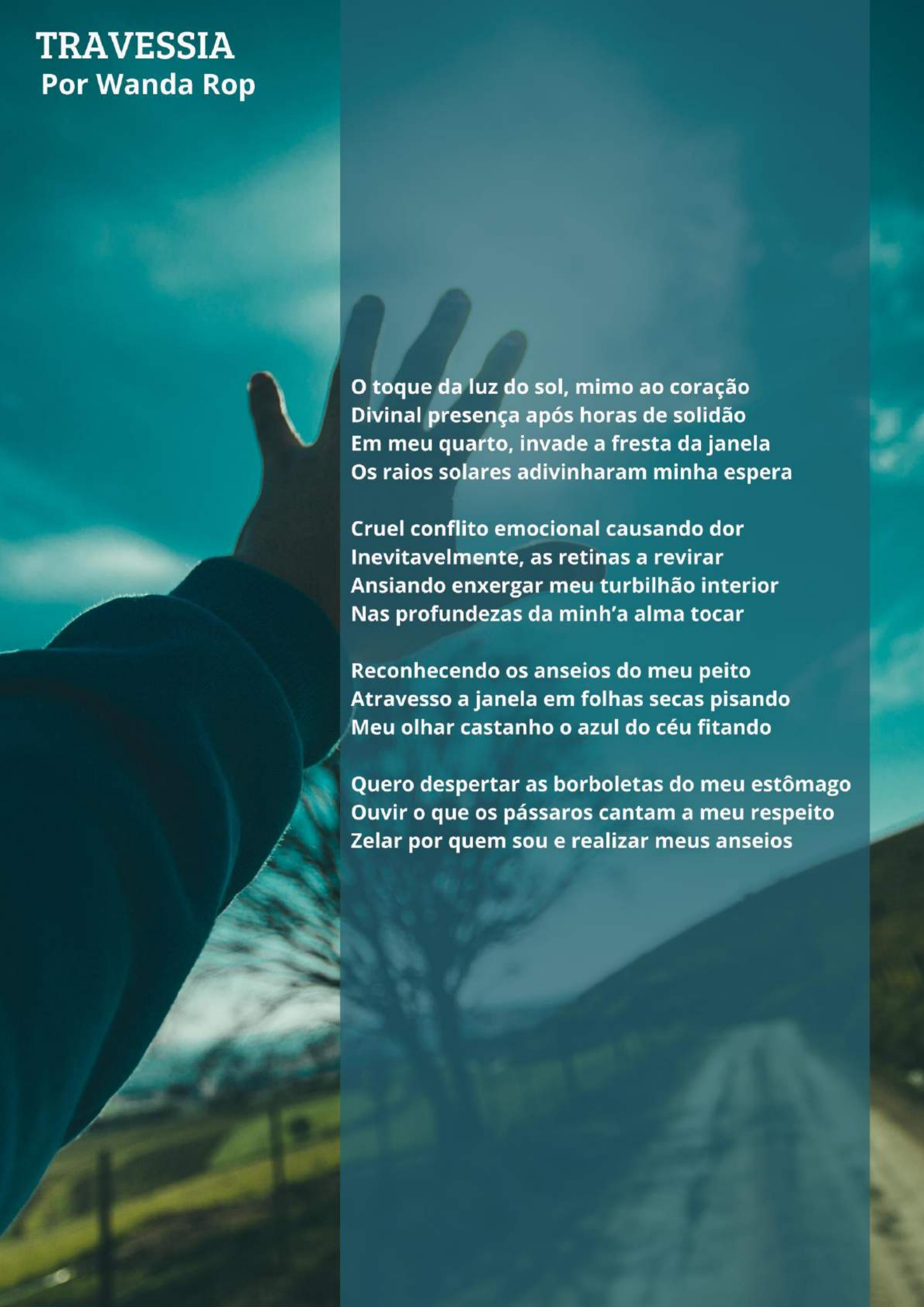
Introspectiva, seus murmúrios silenciados  
Na ânsia de adormecer, a borboleta se deitou  
Queria ter sonhos felizes em um afago interior

Corpo e alma revigorados e desejo de voar  
Da inércia, os movimentos começaram a fluir  
Amando-se, enfim, a borboleta pode sorrir



# TRAVESSIA

Por Wanda Rop



O toque da luz do sol, mimo ao coração  
Divinal presença após horas de solidão  
Em meu quarto, invade a fresta da janela  
Os raios solares adivinharam minha espera

Cruel conflito emocional causando dor  
Inevitavelmente, as retinas a revirar  
Ansiando enxergar meu turbilhão interior  
Nas profundezas da minh'a alma tocar

Reconhecendo os anseios do meu peito  
Atravesso a janela em folhas secas pisando  
Meu olhar castanho o azul do céu fitando

Quero despertar as borboletas do meu estômago  
Ouvir o que os pássaros cantam a meu respeito  
Zelar por quem sou e realizar meus anseios

# A ARTE DE ESCREVER

Por Wanda Rop

Quem escreve sobre amor, escreve com a alma. Aquilo que sentimos nos sufocaria, se não fosse dito imediatamente. Antes que o tempo tarde e a saudade aflore, é por você que grito e minhas palavras de amor explodem, pois se elas fossem guardadas, com certeza, se perderiam. Não tenho medo de expressar sentimentos em palavras, tenho medo é de não viver o que meu coração almeja

Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, antologista, filósofa, cursando último período de História, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros: "Tempo de Amar" e "Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa."

Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

**PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150**

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com  
publicação no site  
e em uma edição da  
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista  
projeto

**AUTOESTIMA**

*edições*

acesse: [revistaprojectoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojectoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves

# SEJA...

Por Sílvia Grijó

meu fiel jardineiro,  
serei a flor mais bela,  
enfeitarei tua janela,  
perfumarei tua lapela...  
Seja meu vinho,  
tua taça serei,  
te beberei  
te embriagarei  
te acolherei,  
te amarei...  
Seja meu Sol ardente  
serei a única galáxia,  
do teu universo,  
serás para mim  
todos os meus versos...  
Seja meu luar,  
serei tua noite,  
tua Lua  
tua rua  
toda nua,  
Serei tua...

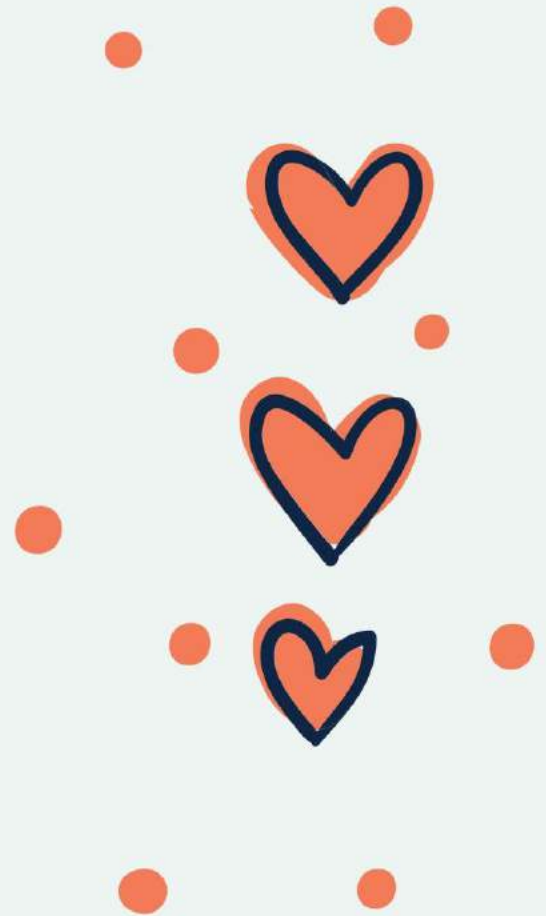


# POESIA VIVA

Por Sílvia Grijó



Minha poesia  
não é de (DOR)mir,  
é de a(COR)dar,  
de vi(VER) intensamente,  
de sentir na pele,  
deleitar-se a bel-prazer.  
Minha poesia é viva,  
respira todas as sensações,  
exala amor e todas as emoções,  
é assanhada... Instigante,  
é enxerida,  
a(Gostosa)da,  
atre(Vida)...  
Minha poesia  
não é (DOR)mida,  
é fresquinha,  
a(pimenta)da,  
é sentida,  
entonada,  
a(COR)dada...  
Minha poesia  
não é de (DOR)mir,  
é de acor(DAR),  
de levantar,  
entesar  
goz(AR)...  
Não é de (DOR)mir,  
(só depois)



*Love*



# DECLARAÇÃO DE AMOR À OLINDA-PE

Por Sílvia Grijó



O' linda!  
encantada me deixas,  
saio daqui assim,  
coração partido,  
repartido,  
dividido...  
não ferido,  
nem cheio de dor,  
mas, balançado,  
inundado de saudade,  
de amor,  
de desejo...  
metade dele  
deixei em ti,  
a outra metade  
te leva em mim,  
O'lindaaaaaa,  
a vontade que tenho  
mesmo  
é de não partir...

**Sílvia Grijó** - Ama a vida. Considera-se uma poeta aprendiz - escritora em construção, autora da obra MULHER À FLOR DA PELE, coautora em 32 Antologias, 04 E-books; graduada em Ciências Biológicas, Professora Especialista, educadora social, fotógrafa. Natural de Anorí-Am. Mora em Manaus. Integra as Associações: ASSEAM, ABEPPA, AJEB-AM, Grupo Formas Em Poemas; e as Academias - ACILBRAS, ALCAMA; atua nos projetos "Literatura Caminhante", "Patologia Cultural" e "Musicalidade Poética. Acredita que escrever poesia é uma forma de salvamento, é dar a luz com a alma.





TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA  
GAVETA

# ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

---

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI



**NOSSO**  
**SILÊNCIO**  
**TAMBÉM DESTROÍ**



**NOSSAS  
MATAS**

**PARTICIPE DA ANTOLOGIA**

# **O LEGADO DE FLORBELA ESPANCA**

## **O LEGADO DE FLORBELA ESPANCA**

CONTOS E POEMAS INSPIRADOS EM SUA  
OBRA - VOLUME II



**ADEMIR PASCALE**  
ORGANIZADOR

**E-BOOK**

saiba mais: [clique aqui](#)

# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



## Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



## Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



## Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



## Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

# ENTREVISTA

COM HELTON TIMOTEO



**Helton Timoteo**

Especialista em Teoria da Literatura/Produção Textual e Mestre em Linguística Aplicada (UERJ). Prof. de Líng. Port. e Lit. do EM e de Linguística, no Superior. É membro do Conselho Científico da Revista Traduzir-se da Faculdade FEUC. Publicou Réquiem para Lavine (2015), Maçã Atirada sem Força (2017) e o romance A Canção de Variata (um dos vencedores, em 2020, do Prêmio Digital da Biblioteca Pública do Paraná, a nível nacional (Penalux). Foi um dos vencedores do Prêmio Off Flip de Literatura (poema), e do XV Prêmio Literário da Fundação CEPERJ (conto), ambos em 2014. Foi semifinalista (2020) e finalista (2021) do Prêmio Internacional Pena de Ouro.

**Entrevista****Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Helton Timoteo:** Comecei minha carreira literária como poeta. Depois de algum tempo, me aventurei na prosa, escrevendo principalmente contos e crônicas esparsas. Entre 1984 e 1985, ganhei meus cinco primeiros prêmios literários (poema, conto e crônica); em 1990, mais um prêmio (nacional) em conto; o mesmo ocorrendo em 2001, 2002, 2003 e 2004 (poesia e conto); mais os citados na minibiografia. Publiquei, além dos livros supracitados, meu primeiro livro de poemas, em 1989, Pequena Antologia Antecipada (com o poeta e escritor Mayrant Gallo), de forma artesanal. Também publiquei os livros citados na referida minibiografia e tenho poemas e contos publicados em várias antologias. Em 1990, nasceu minha filha Iasmim Martins. Ela era muito lourinha, cabelos cacheados e olhos muito azuis. Desde muito cedo, demonstrou muito sagacidade para perceber a realidade a sua volta e uma grande capacidade expressiva. Decidi, então, escrever um livro em sua homenagem. Assim, iniciei a primeira versão do romance *A Canção de Variata*, o qual mantive na gaveta por muitos anos, até decidir retomá-lo em 2017, a fim de compor melhor a narrativa, tornando-a mais robusta, mais consistente, tanto do ponto de vista estilístico e temático, quanto da sua própria estrutura, já que a questão crucial para mim não é apenas o que se escreve, mas como se escreve.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "A canção de Variata". Poderia comentar?**

**Helton Timoteo:** A obra narra a história de João Pescador, um senhor de 70 anos que — farto da cidade grande — exila-se numa ilha distante, habitada por alguns pescadores, comerciantes, entre outros, com o objetivo de purgar suas antigas dores, mágoas, rancores e refletir sobre sua própria vida, em particular, e a existência humana, como um todo. Na ilha, conhece Variata, a menininha cor de rosa, de cerca de 7 anos, com quem começa a interagir a partir do Capítulo VII. Aliás, o número sete vai perpassar toda a obra, simbolizando plenitude, perfeição, união dos dois mundos, o sobrenatural e o natural, o espiritual e o físico, o intelectual e o intuitivo. Antônio dos Raios (outra personagem importante) terá 7 filhos (seis natimortos e um que morre aos sete anos); a ilha será de-vastada por sete pragas; sete crianças de sete anos cada uma vão perecer durante a catástrofe; sete são as entidades sobrenaturais; sete são as personagens mais importantes; etc. O título se refere a uma canção de despedida, mas também de redenção e restauração, cantada por Variata (esse nome significa Vento do Norte, numa língua indígena norte-americana e variedade, em latim), a menininha cor de rosa, uma das principais personagens do livro, ao lado de João Pescador. Esse é também o título de um dos últimos capítulos da Segunda Parte do livro (*Reflexões e Destruições*). A menina é uma espécie de aparição ou segunda consciência do Pescador (ou ainda uma espécie de anjo da anunciação) e o seu nome e o epíteto acima foram dados por ele, que vive exilado numa choupana em uma ilha com poucos habitantes.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Helton Timoteo:** Iniciei a construção do romance em 1990/1992, respectivamente, anos de nascimentos das minhas duas filhas. A primeira versão constituiu-se de quase 40 capítulos, que encerram praticamente toda a essência da obra. Apesar disso, julguei que ainda não era digno de publicação, pois apresentava algumas falhas de composição, isto é, em função da nova constituição familiar, eu o havia produzido de uma forma um tanto apressada. Como sou, em relação ao estilo, muito perfeccionista, submeti-o a um estado de maturidade. Em 2016, perdi o rim e o ureter esquerdos para o câncer. Como estivesse à beira de uma depressão, decidi reescrever o livro, para tentar manter distraída a mente. O que foi ótimo, tanto do ponto de vista psíquico, quanto literário. O resultado me agradou muito. Aliás, é bom enfatizar que a história se passa no final do Século XX, isto é, basicamente no limite não apenas entre dois séculos, mas dois milênios. Ou seja, entre a chamada sociedade disciplinar de Foucault e a sociedade do espetáculo (e mais oito tipos) de Byung-Chul Han. Por isso, o considero um tanto visionário, pois Variata apresenta, no Capítulo XLVI (intitulado A Nova Era), várias previsões ao João Pescador.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Helton Timoteo:** Poderia destacar inúmeros trechos, haja vista o livro conter vários trechos belíssimos, tanto do ponto de vista poético, quanto filosófico, mas vou reproduzir apenas um do último capítulo, pois resume, de certa forma, o posicionamento da personagem frente à existência e por conter, implicitamente, uma crítica à sociedade do consumo e do espetáculo, o que exprime a essência da obra: *“João Pescador sentia-se como um cântaro vazio. Fora preciso que o recipiente ficasse cheio até a borda, com o conteúdo das várias vivências, para finalmente transbordar e extravasar todo, até não restar senão vácuo, ausência da ausência. Apenas João. Uma árvore sem folhas. Um esqueleto que fora sendo despido, aos poucos, de seus adereços, até atingir a nudez absoluta. Vácuo sobre vácuo. Seu mais completo e tenro esquecimento. Tinha aprendido com a menininha cor de rosa que era melhor um odre vazio, onde a qualquer momento se pudesse depositar um conteúdo do mais alto teor proteico, do que um cantil repleto de um conteúdo visceralmente contaminado pelas imundícies da vida.”*

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Helton Timoteo:** Meu livro pode ser adquirido nos seguintes sites:

<https://www.editorapenalux.com.br/loja/a-cancao-de-variata>

<https://www.amazon.com.br/s?k=9786558622369>

<https://www.submarino.com.br/busca/9786558622369>

<https://www.americanas.com.br/busca/9786558622369>

Para obterem maiores informações sobre o livro, basta acessar os links das lives e das entrevistas:

<https://youtu.be/LeLY7cruLMA> (Live de lançamento - Canal da Editora Penalux).

<https://youtu.be/fFdscyB'TyQY> (Live Articulações filosóficas entre o exílio, o trá-gico e os eventos notáveis - Canal Conversações Filosóficas).

<https://fb.watch/cpyQKFDhDi/> (Live no Programa Nossa Pauta da Rádio Mundial News, transmitida para todo o Brasil e para Roma, Itália, em 15/04/2022).

[https://issuu.com/smc5/docs/53\\_divulga\\_escritor\\_revista\\_literaria\\_da\\_lusofonia/50](https://issuu.com/smc5/docs/53_divulga_escritor_revista_literaria_da_lusofonia/50) (Entrevista publicada na Revista Divulga Escritor, com circulação em todos os países de Língua Portuguesa).

<https://minhodigital.com/news/entrevista-com-o-escritor-11> (Entrevista completa sobre o livro, publicada em Portugal, na Revista Minho Digital).

[https://sopacultural.com/em-homenagem-a-filha-nasce-a-cancao-de-variata/?fbclid=IwAR1f6N1LJAaIJHzzqDeX1XkT9GfKZH1ld31BP\\_hLHTfK8AqEKCzG1sIyxEw](https://sopacultural.com/em-homenagem-a-filha-nasce-a-cancao-de-variata/?fbclid=IwAR1f6N1LJAaIJHzzqDeX1XkT9GfKZH1ld31BP_hLHTfK8AqEKCzG1sIyxEw) (Entrevista completa sobre o livro, publicada no Portal de Notícias Sopa Cultural).

[literaturaefechadura.com.br](http://literaturaefechadura.com.br) (Fernando Andrade entrevista o escritor Helton Timoteo - Literatura & Fechadura - revista de literatura contemporânea e arte).

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Helton Timoteo:** Estou com um novo livro de poemas, intitulado Última Flor, pronto para ser publicado. Nele faço uma profunda reflexão sobre a morte e todas as suas implicações. O livro está estruturado em três partes. Na primeira, os poemas foram construídos com um maior rigor formal e uma maior densidade no uso da linguagem (são também relativamente mais longos). Na segunda, algum rigor formal ainda é mantido, mas o conteúdo temático é versado com mais suavidade e leveza (também razoavelmente longos). Já na terceira parte, em que os poemas são bem menores, ocorre um total rompimento com o rigor formal (ou pelo menos é praticado um rigor formal de outra ordem) e há uma pluralidade temática bastante vasta, embora dois ou três poemas versem sobre a morte, mas de uma forma bastante distanciada da configuração discursiva dos poemas da primeira e segunda partes. Minha intenção, ao organizar a obra desta maneira, foi estabelecer uma ponte poético-estética, que conduzisse o leitor de um extremo a outro, isto é, entre o poeta artífice (que trabalha as formas até a exaustão) e o poeta

inspirado, obviamente mantendo um gradiente de possibilidades entre essas duas posturas. É curioso observar que esse livro é anterior à Pandemia, e me veio a ideia de escrever sobre a “indesejada das gentes”, por dois motivos: 1) a perda de inúmeros amigos e parentes; e 2) ter sonhado, em 2018, com uma tragédia que se abatia sobre a humanidade (premonição?). Quase todos os poemas sobre a morte foram escritos até 2019, ao menos os das duas primeiras partes. Quanto aos da terceira, foram escritos ao longo de muitos anos. Também estou finalizando o livro de contos *Interpretação do Vidro*.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: *A Peste*.

Um cordelista: Prefiro citar um poeta: Carlos Drummond de Andrade.

Um (a) autor (a): Albert Camus.

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro (especialmente a dos filmes *Central do Brasil* e *Eles não usam black-tie*).

Um filme: *Sonhos*, de Akira Kurosawa.

Um dia especial: O dia em que nasci.

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Helton Timoteo:** Agradeço a entrevista. Gostaria que todos lessem o livro e ajudassem a divulgá-lo. Creio que assistir às *lives* e ler as entrevistas supracitadas, bem como esta entrevista, contribuirá sobremodo para a compreensão mais aprofundada da obra. Mas é claro que cada leitor pode (e deve) colocar em prática seu próprio percurso de leitura. Talvez se possa pensar que eu dê *spoiler* demais nesses canais. Mas penso também que, numa obra literária, não só o que acontece (seu enredo, seu conteúdo temático ou tema) é importante. É igualmente fundamental a forma como a configuração narrativa se estrutura; seu plano global (ou forma composicional); o estilo usado; as condições de produção; a força expressiva da linguagem, entre outros aspectos. Do contrário, todos poderiam ser escritores; afinal, todos têm histórias para contar. Não é mesmo? Além disso, cada leitor experencia a leitura de uma forma bem peculiar, bem específica. De qualquer modo, acredito que os leitores vão, por vários motivos, se deliciar com o livro: a forma como está estruturado; a linguagem poética e filosófica que perpassa toda a narrativa; a plurissignificação do enredo e de alguns personagens, o que conduz diferentes leitores a fazerem diferentes leituras da obra, ampliando sua significação e complexidade; a carga psicológica e mesmo psicanalítica que atravessa as interações dialógicas das personagens, especialmente João e Variata, contribuindo decididamente para as suas constituições subjetivas; a aura de mistério e mistificação que envolve a menininha cor de rosa, o que lhe confere uma tal indefinição e dimensão, que conduz os leitores a inúmeras possibilidades de interpretação desse pequeno ser; e a valorização da vida simples, livre das amarras da sociedade da positividade e narcisista.



**Contatos:**

Instagram: @heltontimoteo

Instagram: @portuguesaopedaetra

Facebook: heltontimoteo.silva

Linkedin: Helton Timoteo

E-mail: htimoteo@uol.com.br / heltontimoteosilva@gmail.com



# ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA



A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

**PARA SABER MAIS**  
CLUBE DE AUTORES - UICLAP  
AMAZON

# ENTREVISTA

COM LUCIA HELENA



**Lucia Helena**

Sou pedagoga, com especialização em Psicopedagogia clínica; por 11 anos atuei na área educacional e com atendimento psicopedagógico; e por 10 anos em empresas. Sou esposa e mãe de uma adolescente que sofreu injúria racial, bullying e cyberbullying nas escolas que estudou. Tornei-me ativista, escrevi este livro para alertar os pais, bem como toda a sociedade quanto a gravidade dessas violências. Criei também há cinco anos um grupo no Facebook - Bullying - Uma vida Importa?, para informar, alertar e socializar conhecimentos a comunidade sobre estes temas.

**Entrevista**

---

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Lucia Helena:** Iniciei a partir de uma triste experiência que vivi com a minha filha. O bullying e o racismo trouxeram marcas profundas para a nossa família. Foi como uma catarse, eu sentia que precisava dizer o que sentia. A minha luta e indignação com tanta desinformação sobre o fenômeno bullying e a banalização do racismo nas escolas e a inércia do poder público foram a mola propulsora.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Bullying - Uma vida importa?". Poderia comentar?**

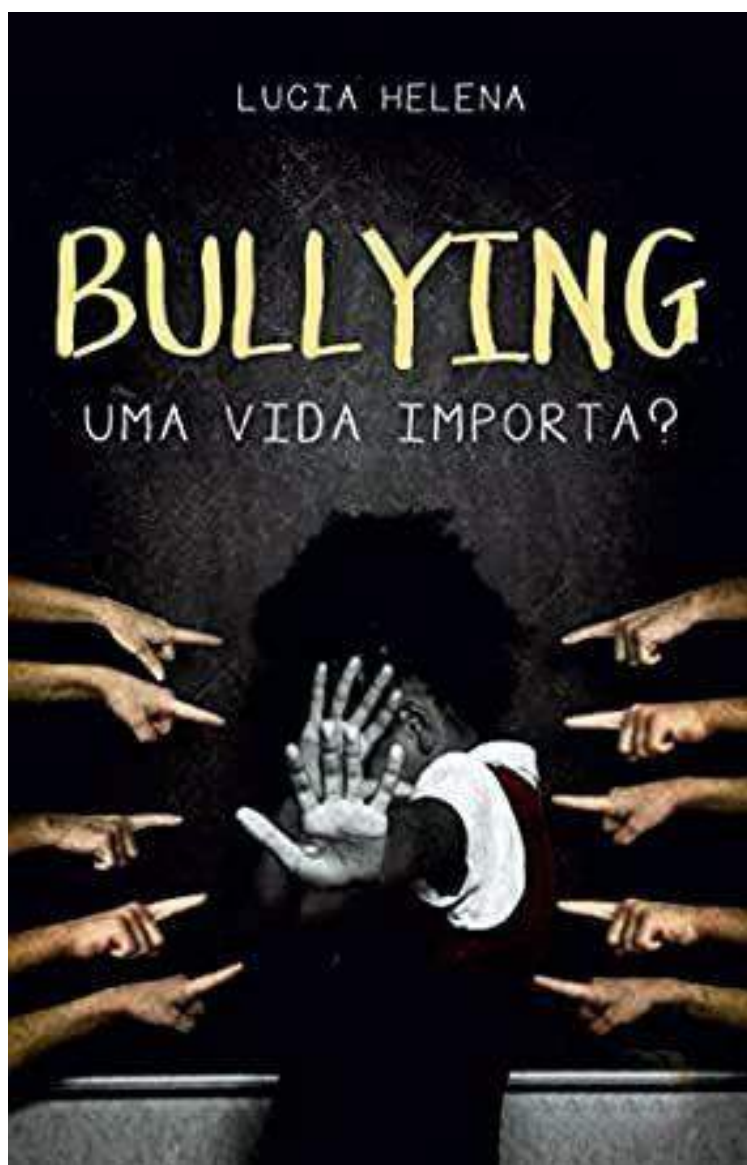
**Lucia Helena:** Depois de quase cinco anos da primeira edição do meu livro, eu percebi que o tema ainda é pouco discutido, sobretudo nas escolas. Também percebi vários enganos e equívocos usados nos conceitos sobre os personagens que atuam na construção do bullying, quiçá para justificá-lo ou tornando a vítima indefensável, até mesmo culpada por sofrer as agressões. Esses equívocos no entendimento têm causado danos irreparáveis na vida pessoal e acadêmica das crianças e adolescentes, inclusive a cometerem suicídios. Como o bullying acontece em sua maioria esmagadora dentro das escolas, existe também uma demanda de informação sobre o que é ou não bullying, racismo, homofobia e a diferença entre eles e indisciplina. Quando interromper este ciclo de violência, por exemplo. Assim, lancei a 2ª edição em e-book, onde esclareço com uma linguagem acessível, simples esses equívocos. O pano de fundo é a história que vivi com a minha filha, mas a mensagem é um alerta principalmente para os pais e todos que se interessam pelo tema.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Lucia Helena:** Com a 1ª edição eu demorei um ano, tive ajuda de pessoas especiais que eu menciono nos agradecimentos, eles me ajudaram muito na compreensão e na linha narrativa, além de muita leitura de livros artigos e a própria experiência pessoal. A 2ª edição é o resultado de muitas pesquisas, acompanhamento de casos pelo mundo, e contatos com pesquisadores brasileiros e de outros países durante esses 5 anos de ativismo.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Lucia Helena:** A abordagem de um modo geral é especial para mim, é o meu legado, contudo o retorno que recebi, as menções dos pesquisadores que leram, e alguns eu até



menciono no início do livro é gratificante. O prefácio e o posfácio, por exemplo, me orgulham muito.

**Conexão Literatura:** Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

**Lucia Helena:** A 1ª edição está esgotada, a 2ª edição está disponível em ebook na amazon.com.br; quem se interessar também pode participar do meu grupo no facebook (Bullying - Uma Vida Importa?), lá tem dicas de outros livros e a participação de diversos representantes da sociedade, pais, professores, pesquisadores do Brasil e de outros países, dicas de congressos e seminários, reportagens e tudo que acontece no Brasil e no mundo sobre bullying, racismo, homofobia, entre outros preconceitos e violências que acontecem dentro das escolas. Todos são bem-vindos.

**Conexão Literatura:** Existem novos projetos em pauta?

**Lucia Helena:** Sim, vou ampliar a atuação do grupo para outras redes sociais como o instagram e em 2023 vou lançar a 3ª edição com uma abordagem específica para a situação do grupo LGBTQI, que sofre bullying e precisa de atenção e proteção da escola e dos adultos bem como os demais grupos que também estão vulneráveis ou possuem características que são usadas pelos agressores para tornar a vítima um bode expiatório, infernizando a vida do colega.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Americanah-Chimamanda Ngozi Adichie

Um (a) autor (a): Jessé Souza

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Minha Mãe é uma peça

Um dia especial: O dia que adotei a minha filha e me tornei mãe por opção. Exatamente no dia em que o juiz autorizou o registro de nascimento e saímos correndo para o cartório.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Lucia Helena:** Obrigada pela oportunidade de divulgar o meu livro.

**LANÇAMENTO!!!**

**Um alerta para os pais!!!**

**BULLYING**  
**Uma vida Importa?**  
2ª edição  
revisada e ampliada

Posfácio feito por  
Alexandre Saldanha  
advogado e escritor  
especialista em bullying.

**Disponível para  
venda na  
Amazon.com.br**



Ler acompanhado  
é bom demais!



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

COM MÁRCIO MARTINELLO SANCHES



## Márcio Martinello Sanches

Paulista, natural de Bauru, Biólogo com doutorado em Agronomia, já residiu em Botucatu, Lençóis Paulista, Presidente Prudente e Brasília. Foi professor de Ensino Fundamental, analista na Cetesb e atualmente pesquisador da Embrapa em Campo Grande/MS. Adora os microrganismos, as artes, poesias, aviões e futebol. Sua carreira literária inclui a participação em algumas antologias de poemas e é autor do livro de poesia "Passagem para trás".



**Entrevista**

---

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Márcio Martinello Sanches:** Desde criança eu gosto muito de ler e escrever. Leio de tudo, jornais cotidianos, livros técnicos, literatura nacional e internacional. Sempre tive facilidade para escrever. Comecei a escrever uma ou outra poesia quando adolescente, mas a cerca de dez anos comecei a escrever uma quantidade maior de poesias. Após um processo de amadurecimento e refinamento, eu reuni uma parte dessas poesias no meu primeiro livro e também em algumas antologias de poemas.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Artes a partir de Marte". Poderia comentar?**

**Márcio Martinello Sanches:** A ideia desse livro nasceu com uma brincadeira com o meu nome. Tinha um professor de inglês americano, o Rick, que não conseguia pronunciar "Márcio". Nessas aulas nós conversávamos muito sobre extraterrestres e outros fenômenos sobrenaturais e também sobre artes que eram assuntos que gostávamos. O Marcelo, colega dessas aulas, também comentava sobre a origem dos nossos nomes de origem latina. Dessa forma, iniciei as poesias reunindo esses elementos. A ideia foi amadurecendo até que se transformou neste livro.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Márcio Martinello Sanches:** Eu iniciei as primeiras poesias desse livro em 2013. Foi um longo processo de amadurecimento da ideia. Pesquisei em diversas fontes sobre artes e artistas, além da experiência pessoal de "consumidor" de diferentes artes. No fundo, é uma reflexão sobre os caminhos que o ser humano busca.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Márcio Martinello Sanches:** É difícil escolher uma poesia. Gosto muito da poesia sobre o por do sol. Acho que é um momento especial no nosso cotidiano.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Márcio Martinello Sanches:** O livro acabou de ser lançado pela Editora Viseu em formato impresso e ebook. Também participei das antologias "Enquanto Espero" pela Editora Litteris e da antologia "Coletânea de Poemas" da revista Conexão Literatura.

Quem quiser conhecer meu primeiro livro pode entrar em contato comigo pelo email: [marciomsanches@gmail.com](mailto:marciomsanches@gmail.com)

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Márcio Martinello Sanches:** Sim. Continuo a escrever poesias e já estou com outro livro em andamento com tema “chuva”.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Sentimento do Mundo

Um (a) autor (a): Carlos Drummond de Andrade

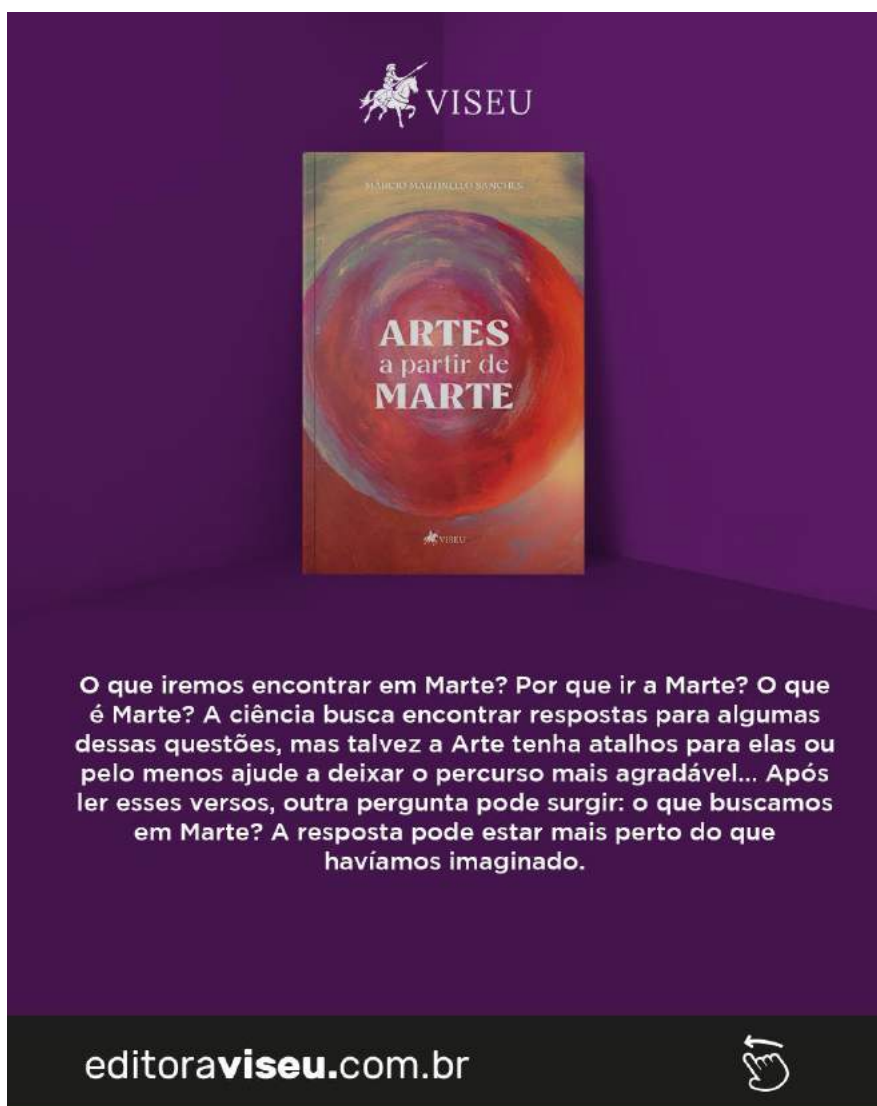
Um ator ou atriz: Tony Ramos/ Fernanda Montenegro

Um filme: Lawrence da Arábia

Um dia especial: Nascimento dos meus filhos

### **Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Márcio Martinello Sanches:** Obrigado pela oportunidade. Espero que gostem do livro!



# PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação  
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA  
MAIS DE 200 MIL  
LEITORES**

**R\$ 150**

Entre em contato:  
e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

[revistaconexaoliteratura.com.br](http://revistaconexaoliteratura.com.br)



# ENTREVISTA

COM MASSILON SILVA



## Massilon Silva

Jornalista, escritor e poeta, nascido em Pão de Açúcar, Alagoas, formou-se em Direito pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC. Primeiro Defensor Público da Comarca de Pão de Açúcar, exerceu também os cargos de Secretário de Administração do município de Pão de Açúcar, Observador Meteorológico de Superfície na SUDENE, Técnico Legislativo na Assembleia Legislativa de Alagoas, além de outros. Foi correspondente do Jornal de Alagoas, Jornal de Hoje e semanário Desafio, todos de Maceió. É membro da Academia Sergipana de Cordel, Academia Alagoana de Literatura de Cordel, Academia Brasileira de Literatura de Cordel e Academia de Letras de Pão de Açúcar. Publicou as obras Moinho de Versos (poesia), Toda Poesia de Massilon Silva (poesia) e mais de 50 títulos em literatura de cordel.

**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Massilon Silva:** Comecei participando de Antologias, onde publiquei poesias, contos e crônicas, publicando trabalhos também em jornais e revistas. O primeiro trabalho solo foi o livro de poemas Moinho de Versos pela Gráfica e Editora J. Andrade, de Aracaju, Sergipe, publicando em seguida folhetos de cordel pela DATAGRAPH, também de Aracaju. Mais tarde a obra poética Toda Poesia de Massilon Silva, pela Editora Livros Ilimitados, do Rio de Janeiro.

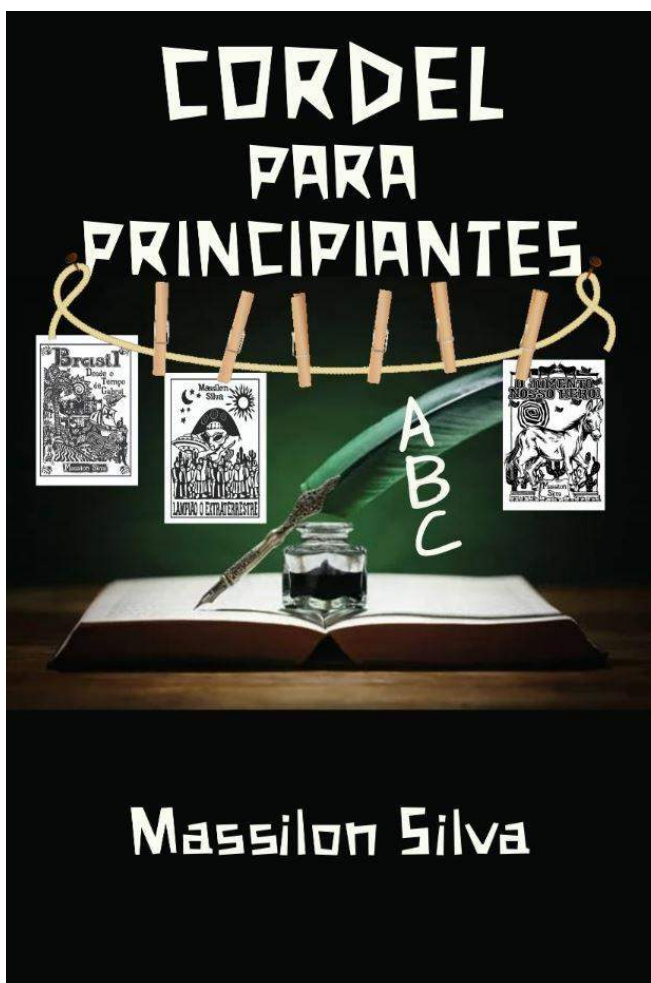
**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Cordel Para Principiantes". Poderia comentar?**

**Massilon Silva:** O Cordel Para Principiantes surgiu, na visão do autor, da necessidade de atender à demanda constante das instituições de ensino por material didático nessa área do conhecimento. Explico. Após a edição da Lei Federal 12.198/2010, que reconheceu a atividade de cordelista como profissão e a decisão do IPHAN elevando a Literatura de Cordel a condição de Patrimônio Imaterial Brasileiro, vários Estados e Municípios do

Brasil editaram legislações próprias, no sentido de que o assunto fosse ensinado nas escolas respectivas. Tudo isso descambou, como era de se esperar, na necessidade de serem publicados livros para orientação dos professores e utilização pelos alunos definindo, na medida do possível, as regras para sua prática.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Massilon Silva:** Nossa pesquisa constou principalmente da leitura de obras de grandes autores, de ontem e de hoje, da também chamada Literatura de Folhetos espalhados por todo o Brasil, a exemplo de Manoel Monteiro, Gonçalo Ferreira da Silva, Geraldo Amâncio Pereira, Varneci Nascimento e outros. Trabalhos desenvolvidos por diversos pesquisadores, na Universidade ou fora dela, também ajudaram bastante.



**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Massilon Silva:** O cordel é estruturado no tripé RIMA, MÉTRICA e ORAÇÃO. O escrito que se pretende cordelístico mas que não tenha rima, métrica e oração perfeitas, pode ser qualquer coisa menos cordel (Pág. 14).

O cordel, quando pensado sob o signo de sua prática inicial pelos poetas nordestinos, é uma modalidade de poesia amparada sob o guarda-chuva da poesia popular. Hoje já não cabe nesse gênero, podendo ser apresentado também na forma culta ou erudita. Podemos dizer que até certo ponto o cordel é poesia popular, também o é, sim, mas nem toda poesia popular é cordel (Pág. 31).

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Massilon Silva:** Os meios para aquisição do Cordel Para Principiantes são:  
E-MAIL: massilonsilva00@gmail.com - WHATSAPP: 79 9 9691-2587

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Massilon Silva:** Sim. Até o final deste ano pretendemos lançar mais dois títulos, também destinados aos professores e alunos do Brasil. O primeiro é História Recente do Cordel, dirigido ao público em geral mas especialmente aos pesquisadores da área. Ali o leitor ficará sabendo de tudo que aconteceu no país nos últimos anos envolvendo o Cordel. O segundo será um romance de ficção científica contando a história de uma abdução, contendo 400 estrofes em sextilhas, o tipo mais difundido nos escritos de cordel.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Odisseia (Homero)

Um cordelista: Gonçalo Ferreira da Silva

Um (a) autor (a): Machado de Assis

Um ator ou atriz: Domingos Oliveira

Um filme: BR716

Um dia especial: O dia do lançamento do livro Moinho de Versos.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Massilon Silva:** Espero que nos prefeitos dos vários municípios brasileiros adotem o ensino do Cordel Para Principiantes em suas escolas, a exemplo do que já fizeram os de Pão de Açúcar, Alagoas e Aracaju, Sergipe, como forma de difundir esse tão importante gênero literário, que a um só tempo leva ao estudante noções básicas de poesia, métrica e rima, tão necessárias ao estudo da língua portuguesa.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# O UNIVERSO DE CLARICE LISPECTOR

## O UNIVERSO DE CLARICE LISPECTOR

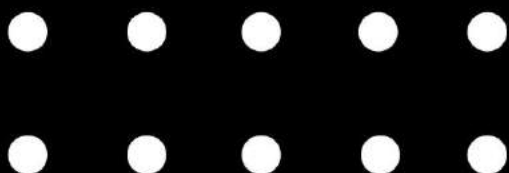
POEMAS INSPIRADOS EM SUA OBRA



ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

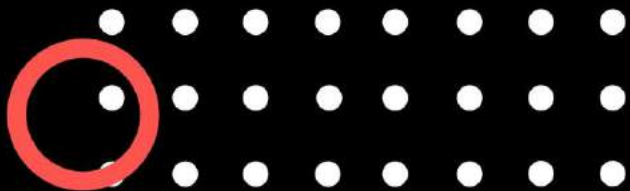
E-BOOK

saiba mais: clique aqui



# CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na  
Revista Conexão Literatura





# **CORA CORALINA**

Feliz aquele que transfere  
o que sabe e aprende o  
que ensina.



# ADÉLIA PRADO

Não tenho tempo pra  
mais nada, ser feliz me  
consome muito.





## **VIRGINIA WOOLF**

A vida é como um sonho; é  
o acordar que nos mata.




# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

Acesse o nosso site e redes sociais e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

 @conexaoliteratura

 @revistaconexaoliteratura



[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

incentivo à leitura



## *O Forasteiro Misterioso*



**CONTO**

"O estranho chegou junto com a tempestade. Era um dilúvio de proporções bíblicas e parecia que o céu despencava. Todos os moradores de Vila Del Prado estavam abrigados e em segurança aguardando o tempo melhorar."

**ALEX VILARON**

**Conto**

O estranho chegou junto com a tempestade. Era um dilúvio de proporções bíblicas e parecia que o céu despencava. Todos os moradores de Vila Del Prado estavam abrigados e em segurança aguardando o tempo melhorar.

Quem primeiro viu o estranho foi o Barney McCallister. E foi o primeiro a falar sobre ele naquela tarde, dias depois, durante a Assembleia Extraordinária.

— A gente ficou preso pela chuva. Éramos eu, os Billies, o Dante, Black e mais uns quatro ou cinco tomando uns tragos na taverna quando o aguaceiro despencou. Na pior hora do temporal a porta bateu com um estrondo e eu olhei. Lá estava ele, em pé, na entrada. Juro que senti um arrepio. Acho que estranhei alguém aparecer no bar durante uma tempestade daquela. Curioso... agora que estou pensando bem, não me lembro dele ter entrado encharcado de água. Nem de escutar o motor da moto chegando no estacionamento. Mas pode ter sido por causa do barulho do temporal. Deve ter sido por isso.

— O que ele fez na Taverna Blackwood, Barney? — perguntou Dom Javier, um membro ilustre e importante filantropo de Vila Del Prado.

— Ele ficou parado algum tempo, em silêncio, nos observando — respondeu Barney. — Aí foi até o balcão e pediu ao Black um uísque. Duplo. Sentou-se numa mesa de canto e ficou lá bebendo calado até a chuva parar.

A Prefeita Debora, esposa de Dom Javier, levantou-se da cadeira e pediu a palavra.

— Billie Joe — disse para um sujeito alto, magro e mal encarado, que estava de pé, apoiado na parede. — Você disse que de lá ele foi direto para a estalagem?

— Isso — respondeu. — Billie Bob disse que fecharia a conta. Eu devia seguir o desconhecido e ver para onde ele ia. O sujeito subiu na moto que estava parada logo à frente. Eu entrei rápido na minha picape, em tempo de segui-lo até a estalagem. Ao entrar na recepção o vi no balcão conversando com a Lara. Ela estava assustada. Notei isso assim que entrei na recepção. Não foi, Lara? Conte para o pessoal como ele intimidou você.

A jovem se levantou. Lara era filha de Benji e Carla, donos da Estalagem Fada Morgana, a única hospedagem de Vila Del Prado.

— Assustada é pouco — afirmou ela. — Eu fiquei em pânico. O jeito dele entrar na recepção já me intimidou. Foi uma entrada brusca. Ele estava empertigado, vestido com aquela capa preta e chapéu largo, no estilo dos puritanos do século dezanove. Alto. Parecia um bruxo ou um alquimista. Senti um frio na espinha. Perguntou com aquela voz rouca e grossa se o quarto doze estava disponível. O quarto doze!

Uma algazarra tomou o salão da Prefeitura. Todos começaram a falar ao mesmo tempo, agitando os braços, pondo as mãos na cabeça e fazendo cara de medo. Foi preciso que Dom Javier se impusesse com assertividade e voz alta para restabelecer o equilíbrio.

— Amigos — disse ele, tentando aparentar calma. — Isso não quer dizer nada. Ele pode já ter vindo à nossa vila, no passado, e ter ficado no quarto doze. Não temos muitos visitantes, mas também não tão poucos, para que a gente se lembre de todos que já estiveram aqui conosco.

— Na verdade, Dom Javier — contrapôs Lara, — ele me disse que veio por indicação de um grande amigo. Que o amigo esteve no quarto doze, dois meses atrás, e o recomendou caso viesse por essas bandas. Tentei manter a calma e perguntei quem era esse amigo, qual seu nome. Ele puxou o livro de registro, virando duas páginas para trás. Colocou o dedo sobre um nome. Douglas Marshall. Douglas Marshall!

Nova confusão aflorou na assembleia. Desta vez foi mais difícil acalmar os ânimos, mas no fim, a ordem foi restabelecida.

— Há algo mais que você possa nos contar sobre a chegada do estranho, Lara? — perguntou a Prefeita Debora.

— Sim — respondeu a moça. — Ele se registrou com o nome Ethan Foeglad. Sobrenome bem incomum. Perguntei se ele havia encontrado pessoalmente esse amigo, depois que ele nos deixou, dois meses atrás. Procurei falar com a maior naturalidade possível. Foi aí que ele me deixou apavorada.

— O que ele disse? — perguntou Dom Javier, transparecendo ansiedade crescente.

— Ele falou, com aquela sua voz sinistra, que seu amigo nunca saiu de Vila Del Prado. Que Douglas nunca mais sairia daqui. E completou, piscando o olho, que eu sabia disso muito bem.

— Ele esteve em minha loja – Pepper, a dona da loja de roupas Verum Satin, contou. – Pediu que eu indicasse qual a jaqueta “que aquele ruivo comprou dois meses atrás”. Juro que minhas pernas tremeram ao ouvir isso. Tive medo de cair. Não consegui falar. Ele então piscou um olho e saiu da loja.

— Na minha cafeteria foi parecido – narrou Dona Emma. – Ele entrou calado. Sentou-se num canto. Quando Lia foi anotar seu pedido, ele explicou que queria o mesmo café aromatizado com avelã “que aquele forasteiro ruivo gostou tanto”. Lia ficou nervosa e disse que não sabia quem era essa pessoa. Ele piscou para ela e disse: “Você sabe sim. Você, mais do que ninguém, sabe de quem eu estou falando”.

Outros deram seus depoimentos sobre como havia sido seu encontro com o misterioso visitante.

Os representantes de Vila Del Prado prosseguiram confabulando no salão da Prefeitura. Conjecturaram sobre a origem do misterioso visitante, sobre o motivo de querer ficar no quarto doze, sobre as consequências de sua passagem pelo local, que

perigo trazia para os habitantes da vila, entre outras questões. E, claro, surgiu a questão principal: o que fazer com ele? Dom Javier pediu a palavra.

— Senhoras e senhores. Amigos de Vila Del Prado. Todos sabemos do risco de ter esse sujeito por aqui. Mas, sem nenhuma dúvida, risco maior correremos se ele partir. Porque ele veio para aqui nos provocar, é um mistério, mas com o que ele parece saber sobre o paradeiro daquele bisbilhoteiro, temo que não haja outra saída. Ele precisa ficar aqui. Para sempre, se é que todos me entendem.

Uma comoção geral abateu o grupo, e mais uma vez sobreveio o caos. Dom Javier não tentou interromper a agitação. Aguardou os ânimos se acalmarem.

— Dom Javier, precisa ter outro jeito — suplicou a Professora Talita. — Não podemos deixar que aconteça aquilo novamente. A comunidade inteira não pode se sujar por causa de seus negócios il... por causa de suas atividades. De novo não! Por favor!

A Prefeita e o marido a fuzilaram com olhar ferino. A moça baixou a cabeça e sentiu suor escorrendo em seu rosto. A Prefeita Debora chamou seu secretário.

— Senhor Jaques — falou em tom formal. — Anote numa folha o nome da Senhorita Talita. E de todos os outros que preferirem não se envolver nos assuntos comunitários. Eles e seus familiares. Suspenda o auxílio que recebem a partir do final deste mês.

— Não! Por favor, não! — Gritou Talita. — Precisamos desse dinheiro. A senhora não pode cortar nossa ajuda assim de repente.

Debora sorriu.

— Querida — ironizou, — o que mais podemos fazer? Sabemos que Vila Del Prado e seu povo não se sustentam se deixados por conta própria, e que para sorte de vocês meu marido, uma pessoa altruísta e de consciência social elevada, os ajuda a ter uma vida tranquila. Mas para fazer isso ele precisa estar com seus negócios em dia, não acha? O que poderia ser mais justo com quem é tão bom para vocês do que, digamos, vocês deixarem de ver o que não deveriam ver? De ouvir o que não deveriam ouvir? E o principal: manter a boca fechada para o que não lhes interessa? Olhem, eu acho que...

A Prefeita foi interrompida pelo estrondo da porta dupla se abrindo com violência. Todos se calaram e olharam para a entrada do salão. O forasteiro estava de pé sob o umbral. Dom Javier puxou a pistola do coldre escondido sob o paletó, mas um tiro acertou sua mão. Ele deixou a arma cair e gritou. Agarrou a mão ferida que sangrava. Foi uma gritaria generalizada. Todos correndo de lá para cá aleatoriamente. Gritavam, gemiam, praguejavam. Billie Bob, calmo e atento, enfiou a mão para dentro da jaqueta. Billie Joe, do outro lado do salão, fez o mesmo.

— Vocês dois! — bradou o estranho com voz de trovão. — Parados se não quiserem arrumar um tremendo problema para si mesmos!

Billie Bob riu. O outro Billie também.



— Devo acreditar que nós dois, cada um de um lado do salão, não somos páreo para você sozinho? — perguntou Billie Bob. — Toma isso, palhaço!

Os Billies puxaram suas armas ao mesmo tempo, e apesar das pessoas só terem ouvido o som de um disparo, viram os dois se contorcerem ao mesmo tempo. Eles gritaram e deixaram cair as armas, agarrando as mãos feridas como fez Dom Javier. Todos olharam para o estranho, e o viram com uma pistola de cano fumegante em cada mão.

— Garota! — bradou ele para Talita — Recolha essas armas do chão e outras que estiverem escondidas com qualquer um desse povo. Quem tentar ocultar dela que tem uma arma se arrependerá amargamente. Amargamente!

Ela obedeceu. Recolheu ao todo cinco armas e as colocou em cima da mesa, como ele indicou que fizesse.

— Eu vim aqui para que haja justiça — falou, soturno. — Aqui está a lista dos envolvidos diretamente no assassinato do detetive Douglas. Todos vocês são cúmplices. Têm sido cúmplices, por anos, das atividades de Javier Crimson e sua esposa. Vocês venderam suas almas por trinta dinheiros. A primeira alternativa que lhes ofereço é que dois ou três de vocês se apresentem ao posto policial mais próximo, levando uma carta assinada por todos os adultos de Vila Del Prado, confessando cumplicidade com o casal Crimson e testemunhando contra os envolvidos na morte do investigador. Sei que será um trauma para todos, um trauma que, talvez, queiram evitar. Há uma segunda alternativa.

O justiceiro saiu brevemente do salão e retornou com cinco rolos de cordas. Jogou-os no chão. Todos se entreolham, com expressões de espanto e medo.

O estranho sorriu. Um sorriso discreto, mas aterrorizante.

— Vejo que a maioria já entendeu — declara, solenemente. — Professora, leia a lista.

Ele entregou a lista na mão de Talita, que se aproximou com andar hesitante. Leu.

— Dom Javier. Prefeita Debora. Billie Bob. Billie Joe. Lia.

Debora caiu em prantos, antevendo o que a aguardava. Começou a pedir, a suplicar para que os seus conterrâneos não se precipitassem, que deveriam escolher o certo, ir até a polícia, e tudo ficaria bem... Dom Javier permaneceu calado e ensimesmado, assim como os dois Billies.

— Você! — vociferou o homem para o secretário Jaques. — Traga aqui a jovem Lia. Rápido, e sem tentar nenhuma graça, ou você vai para a lista também!

Ele não precisou repetir. Jaques saiu como um foguete e logo voltou com a moça, alheia ao que estava acontecendo. Jaques havia dito que era ordem de Dom Javier, e ela nem pestanejou para obedecer.

\*\*\*

Menos de uma hora mais tarde tudo estava terminado. Um a um os representantes do povo de Vila Del Prado saíram pela porta principal da Prefeitura. A desolação era total. Viram, então, o misterioso forasteiro de capa e chapéu pretos sair em passos firmes e largos. Sentou-se no banco da moto, deu partida e acelerou estrada afora. Não mais ouviram falar dele em Vila Del Prado.

Cinco membros da comunidade nunca saíram de lá por suas próprias forças. Os quase duzentos habitantes do vilarejo tinham cercado o prédio, e naquele momento criavam uma algazarra frenética de perguntas, suspiros, gemidos, gestos e caretas. Os últimos a deixarem o local foram os voluntários. Carregavam cinco macas cobertas com lençóis.



**Alex** nasceu no Rio de Janeiro. Estudou no Instituto metodista Bennett e fez faculdade de Engenharia na UFRJ. Leitor voraz desde pequeno, no início deste ano resolveu se arriscar a escrever contos de ficção de sua própria autoria. É casado e mora em sua cidade natal.

CONTOS FANTÁSTICOS

# UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E IMPRESSO

saiba mais: clique aqui

## *A crisálida*

### **CONTO**

"[...] Ela alardeava para toda a cidade de São Gerônimo que o rapazote alto, magro, de tez branca e avermelhada havia nascido ovo. Mas ela não era levada a sério e era motivo de piada em qualquer canto da cidade [...]"

**GILMAR DUARTE ROCHA**

## Conto

---

Joaquim Jones nasceu ovo. Pode parecer estranho, mas Joaquim Jones nasceu ovo. Aliás quem afirma isso não sou eu e sim a senhora Maria Imaculada da Anunciação, solteirona convicta da pequena cidade de São Gerônimo; carola contumaz e assistente das missas conduzidas pelo padre ancião Herivelto Sá, além de conduzir as festas e quermesses promovidas pela paróquia. Ela alardeava para toda a cidade de São Gerônimo que o rapazote alto, magro, de tez branca e avermelhada havia nascido ovo. Mas ela não era levada a sério e era motivo de piada em qualquer canto da cidade. Todo santo dia, ao cair do sol, a velha beata cumpria um trajeto que saía de sua casa e ia até a igreja, tendo que passar obrigatoriamente em frente a uma casa de bebidas e maledicências:

— Dona Imaculada! Vem cá, rapidinho. Diz aqui para o senhor José Almeida, o novo professor da cidade, como nasceu o comerciante Joaquim Jones — João de Lô, um cachaceiro que batia ponto no Bar Alvorada, a casa de bebidas e maledicências, de propriedade de Zequinha da Paixão, um homem rico em virtudes e pobre de visão, pois ficou cego quando ainda era criança.

Imaculada, não atendia às provocações. Ignorava-as. Fechava o bico, levantava o pescoço e seguia em frente. Altaneira. Naquele dia, em específico, só porque o fanfarrão João de Lô havia mencionado que havia ali, no meio do clube do funil, um professor, um homem bem vestido, de terno e gravata, ela abriu uma exceção e se aproximou da turba:

— Professor, prazer em conhecê-lo. Só não esperava ver o senhor nesse ambiente — disse ela, denegrindo as companhias do novato lecionador.

— Dona Imaculada — interveio João de Lô — deixa de conversa fiada e conta para o professor que Joaquim Jones nasceu ovo.

A mulher olhou para um lado; para o outro, e confirmou: sim, professor, um rapaz desta cidade, chamado Joaquim Jones, que trabalha na loja de tecidos “Retalhos de Cetim”, nasceu ovo e eu presenciei o ato. Mas a maioria do pessoal daqui me acha maluca, como esses pés de cana que estão com o senhor.

Risos e gritinhos de algazarra generalizados depois que ela fez alusão à galera do bar.

O professor Almeida pediu atenção e respeito à senhora. Após verter mais uma dose de um bom uísque, ele deu a sua opinião sobre o assunto: logicamente nasceu ovo, minha senhora, todos nós nascemos a partir de um ovo.

— Opa! Credo cruz. Eu não, professor — Bacurau, um caboclo amante de um bom copo de aguardente, saltou da mesa espantado.

O professor continuou com a explanação: toda mulher quando fica grávida, tem o óvulo fecundado, óvulo que é um ovo de fato, que, com o tempo, vai se dividindo em vários outros ovos, e que vão formando as partes do corpo humano...

— Eu sei disso, professor — gargalhou a senhora Imaculada, prosseguindo: mas Joaquim Jones nasceu ovo mesmo, eu vi com os meus próprios olhos. A mãe dele, a finada Dinorá, ao invés de dar luz a um rebento, deu luz a um ovo, branquinho, branquinho...

O professor então perdeu a paciência; se levantou do tamborete magro de pernas finas e alta, e bradou: a senhora está de gozação? Onde se viu uma mulher, mulher gente, botar ovo...

— Calma, professor — intercedeu João de Lô. — Diz a senhora Imaculada que o ovo da mulher quebrou e o bebê saiu de dentro, são, salvo e normal...

— Opa, João — interveio Bacurau. — Pode ter saído são e salvo. Normal: sei não! O sujeito, professor, ora é branco; ora é vermelho igual ao satanás. E volta e meia, fica com o corpo coberto de escamas, parecido com o sapo cururu da cor de açafraão. Sem contar que o cara é quieto e muito esquisito. Começo a dar crença ao palavreado torto de dona Imaculada.

A solteirona meio aloprada e desprovida de papas na língua, Maria Imaculada, a convite do cego Zequinha, o dono do bar, saiu de fininho do estabelecimento e deixou a confusão armada. O professor José Almeida, certamente já sofrendo os efeitos das doses generosas de uísque, batia boca com todos que estavam no bar. Não aceitava de forma alguma aquela aberração da natureza: nascer ovo. Onde já se viu uma coisa daquela? O sujeito é réptil? Um batráquio? Uma ave alucinada?

A confusão no bar se generalizou. Depois daqueles questionamentos todos sobre se Joaquim Jones havia nascido ovo ou não, um grupo continuava descrente e apoiava o professor; outro grupo de beberrões converteu-se, talvez de birra, à tese de Imaculada de que o cidadão era uma excrescência da natureza.

\*\*\*

Dois dias depois desse entrevero no bar, o digníssimo professor de Ciências José Almeida se encaminhou até a loja de tecidos “Retalhos de cetim” à busca de um bom par de meias e também para conhecer de perto o polêmico sujeito que diziam ter nascido ovo. Aquele assunto esdrúxulo não saía de sua cabeça.

Entre o mexe e mexe de peças do mostruário da loja, ele avistou um rapaz alto, magro, branco em excesso, quase um albino, cheio de cicatrizes no rosto e nos braços. Foi o próprio rapaz que veio atendê-lo:

— O senhor deseja alguma ajuda? — perguntou o vendedor, com extrema gentileza.

Meio sem jeito, Almeida respondeu pedindo-lhe que mostrasse mais tipos e marcas de meia. O jovem se dirigiu aos fundos da loja e José Almeida ficou a observar o movimento da casa comercial. De repente, notou que um sujeito gordo, de barriga avantajada e dono de um extenso bigode, acabava de atender um telefonema e bradou com todos os seus pulmões para qualquer um ouvir:

— Viva! Acabou a mamata desses vagabundos de São Gerônimo. Acabo de receber a boa notícia de que o Coronel Amianto deu o golpe de estado e acaba de assumir o poder no país. Vamos botar esses vagabundos para trabalhar. Inclusive os picaretas que andam por aí com um livro na mão contando lorota.

O professor José Almeida tomou um susto colossal. Não se envolvia com política, mas sabia da fama de Amianto Bachelet, sujeito autoritário, reacionário, retrógrado e dado a cometer cambalaches nos subterrâneos do poder.

Mas afinal o que ele, o professor, tinha a temer: cumpria o seu trabalho; enriquecia os estudantes de São Gerônimo com conhecimentos científicos e, nas horas vagas, tocava a sua vida prosaica lendo muito e se divertindo com as galhofas dos cachaceiros do Bar Alvorada, o seu ponto preferido.

Um mês depois, enquanto jogava carteadado com os velhos conhecidos Bacurau, João de Lô, um caboclo de nome Índio, e mais outro rapaz desdentado, num fim de dia ensolarado, nas mesas postas na calçada em frente ao Bar Alvorada, eis que surgia, de chofre, uma coorte de homens fardados e armados até os dentes e, à frente deles, um sujeito de rosto familiar, mas que estava com o aspecto totalmente diferente, pois não mais ostentava a tez branca (ou avermelhada em demasia, segundo alguns); e não tinha mais o corpo repleto de escamas, ou escaras, ou cicatrizes, e sim parecia revestido agora de uma couraça lisa na cor de ocre, tal qual uma armadura com elmos envernizados, sem contar a estranha carapaça transparente que trazia entre os braços e o tronco e que se assemelhavam a asas de libélula. Os outros homens que o acompanhavam não pareciam diferir muito em aspecto e estranheza. Então o homem de fisionomia familiar, abriu um canudo de papel e começou a ler uma relação de nomes:

ANTÔNIO ASTROGILDO DA CUNHA

VALDEMAR COROADO DA SILVA

JOÃO CARLOS RIBEIRO E RIBEIRO

JOSÉ ITIBIRA

FRANCISCO RUBIÃO DE ARRAES

— Todos estes nomes que citei, estão presos e seguirão com a minha tropa direto para as instalações do Tiro de Guerra da cidade de São Gerônimo.

Não precisa dizer que todos ali presentes na mesa de carteadado ficaram boquiabertos e embasbacados. Um deles, o de nome JOÃO CARLOS RIBEIRO E RIBEIRO, ou João de Lô, como era conhecido, se levantou e indagou, meio gaguejante:

— A gente pode saber qual o motivo, doutor?

— Doutor, não. Capitão Joaquim Jones.

Ficaram mais embasbacados ainda depois que o homem declinou o nome. Antes que alguém se manifestasse, o tal capitão Joaquim Jones, transmutado em todos os

aspectos, e com olhos de íris amarela como o sol e as pupilas negras como o anum, disse o motivo, aliás um rol de motivos:

— Vocês estão detidos por vagabundagem, ócio, vício e jogatina.

— Até eu — choramingou Bacurau, o VALDEMAR COROADO DA SILVA.

Nisso o cego Zequinha, o dono do bar, tendo ouvido lá de dentro do bar aquela confusão toda, saiu para a rua e fez a defesas dos seus clientes:

— Senhores, eu sei que a minha clientela passa muito tempo aqui bebericando e tagarelado, mas todos são gente boa. Incrimina eles não.

O comerciário promovido de repente a Capitão Joaquim Jones olhou o cego dos pés à cabeça e disse:

— O senhor é o proprietário do bar de nome JOSÉ DO CARMO DA PAIXÃO?

O dono do bar assentiu. O capitão abriu o papel sob a forma de papiro e leu um outro trecho: o senhor faz parte das pessoas que estão enquadradas na nova lei da Ordem do Generalíssimo Amianto, que determina que as pessoas com deficiência sejam transferidas para o repouso e a prestação de serviços leves no Monastério do Prado, na cidade vizinha de Constantino. O seu bar, por conseguinte, será confiscado pelo estado e servirá como estabelecimento de oração e louvor ao nosso grande pai da pátria. Será frequentado agora por cidadãos de bem.

O professor José Almeida assistia assustado a todo aquele show de horror e de iniquidades. Apesar de nenhum dos companheiros do bar ter citado a sua pessoa, ele teve a dignidade se auto apresentar e perguntar porque ele estava sendo poupado.

Jones, o capitão, deu sorriso maroto e disse:

— O senhor, professor, que já conheço, é um caso especial. Apenas a partir de agora não precisará mais lecionar Ciências no ginásio da cidade.

O professor ficou curioso. Na sequência, Jones satisfez a curiosidade dele: a partir de hoje o senhor integrará o grupo de estudiosos da palavra e da ordem de AMIANTO, e poderá usar esse bar aqui mesmo para transmitir palavras de salvação, de boa conduta, de civilidade, de família e de moral para os incautos da cidade.

José de Almeida ficou pasmo e boquiaberto. Emudeceu. Perdeu o verbo. De repente, como que tendo sido incorporado pelo espírito da senhora Maria Imaculada da Anunciada, falecida há uma semana de uma morte súbita e misteriosa, ele tomou a palavra e desembuchou tudo o que pensava naquela hora:

— Você é um inseto, Joaquim Jones?

Todos ficaram espantados com a audácia da intervenção do professor. Alguns guardas que acompanhavam o capitão ameaçaram prendê-lo sumariamente, porém foram contidos pelo próprio Joaquim, que deu dois pigarros e redarguiu, com ironia:



— Sua santidade do saber, o que o fez chegar a tal conclusão? Eu ter nascido ovo, como alardeava aquela velha asquerosa que foi para o inferno semana passada?

— Não, Joaquim. O seu caráter sub-reptício, o seu comportamento covarde, sua incapacidade de colocar em público as opiniões em favor das teorias malucas desse tirano Amianto. O senhor se comportou como uma crisálida durante toda a sua vida; um casulo que escondia um verme que se alimentava de ódio, de desprezo pelas pessoas, de rejeitar o conhecimento; de abominar a diversidade de pensamento. Assim como todos esses seus soldados, que provavelmente sofreram o mesmo processo de metamorfose que você sofreu. Vocês são os piores animais dessa espécie.

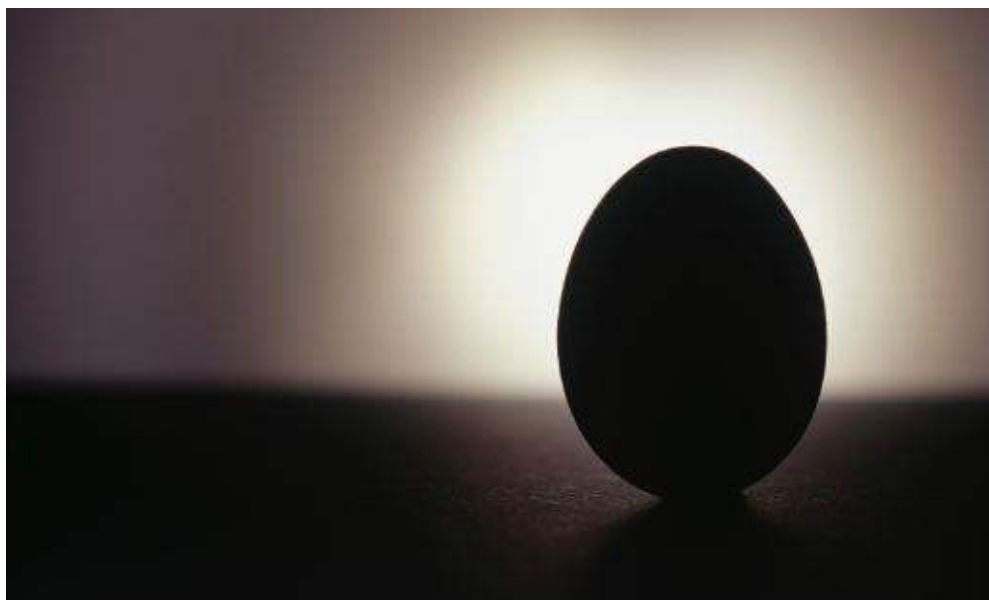
Joaquim deu uma risada, pondo à mostra dentes horrorosos e irregulares. Depois, respondeu, com soberba:

— Mas nós agora é quem vamos dar as cartas e mudar a vida das pessoas. Por muito tempo, seu professorzinho barato.

— Um tempo que tem prazo para terminar, pois animais da sua laia vivem pouco — disse o professor com toda a ciência do mundo e da vida.

— Então o senhor sabichão concorda com a teoria de que eu nasci ovo — mais uma vez, ironicamente, Jones esnobava as palavras do homem que detinha o conhecimento.

— Não — disse sucintamente José de Almeida. — Vocês não nasceram ovo. Vocês botarão ovos, descascarão e se desintegrarão no espaço. Muito brevemente.



**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor de Tesouraria da Associação Nacional de Escritores-ANE. Lançará o romance “O abençoado”, no segundo semestre de 2022.

incentivo à leitura



## *Deslize ou vertigem*

**CONTO**

"Se por descuido, ou excesso de bebida — até hoje— ninguém sabe a verdadeira face dos fatos... De concreto ficou a ocupação com a vida alheia..."

**IDICAMPOS**

**Conto**

---

**D**eslize ou vertigem

Se por descuido, ou excesso de bebida — até hoje— ninguém sabe a verdadeira face dos fatos... De concreto ficou a ocupação com a vida alheia...

A observação, contundente, ficava a cargo do espelho, no banheiro, delatando os cabelos grisalhos do motorista. O rosto enrugado registrava a chegada, desajeitada, dos cinquenta anos... A vida passava na testa do sujeito, de efetivo só a solidão; parecia um veículo desgovernado, na contra mão, ausente de direção... O comentário encerrava a descrição do cara.

O ofício de motorista de aplicativo jogava todas as esperanças na estrada, num momento após o outro, vivendo igual porco, trabalhando pra comer. Esperando a batalha acabar, torcendo por um colo; desesperado a procura de afetividade, carinho, beijo na boca, etc.

O vendedor de latão de cerveja, da entrada da estação, analisava o piloto compulsivo, pois todas as noites, contava com o consumidor. Ele sentava num banquinho de plástico, fazia a crônica da cidade: ria, chorava e esvaziava o isopor do homem.

De vez enquanto, as coisas ficavam turvas, os olhos embaçavam; aí, quem sofria era a realidade, pois a imagem distorcia... Pagava a conta, saía de mansinho, perdia o plumo. A vertigem parecia trapaça da vida, prejudicava o controle motor, vinha de carona com a amnésia alcoólica, não lembrava nada.

Morava só, próximo à estação do trem, em Morro Agudo; vira e mexe, amanhecia, no lar, com uma moceira, no entanto, jurava ter seduzido uma bela fêmea, na madrugada anterior. Embaraçava os detalhes do romance, esquecia o nome da mulher, trocava as estações, debochava da própria memória.

O desastrado voltava, sempre, aos cuidados do comerciante, garantia no sereno da calçada, a cota ética; derramava as suas mágoas na paciência do camelô: as carências, os desalentos, a falta de autocontrole. Confessava as maledicências da bebida...

Relatava a experiência ao ouvido atento, do camelô, naquela madrugada triste, remetendo a um acontecimento recente. Disfarçando a timidez, abria o peito, revelava uma paixão repentina, fruto da vertigem...

Diz o contador de história, o piloto de carro de aluguel, ter apanhado uma passageira linda, tipo avião, um monumento, uma gata de perder o fôlego, na Central do Brasil. Numa corrida para Caxias, precisamente, na Favela do Lixão.

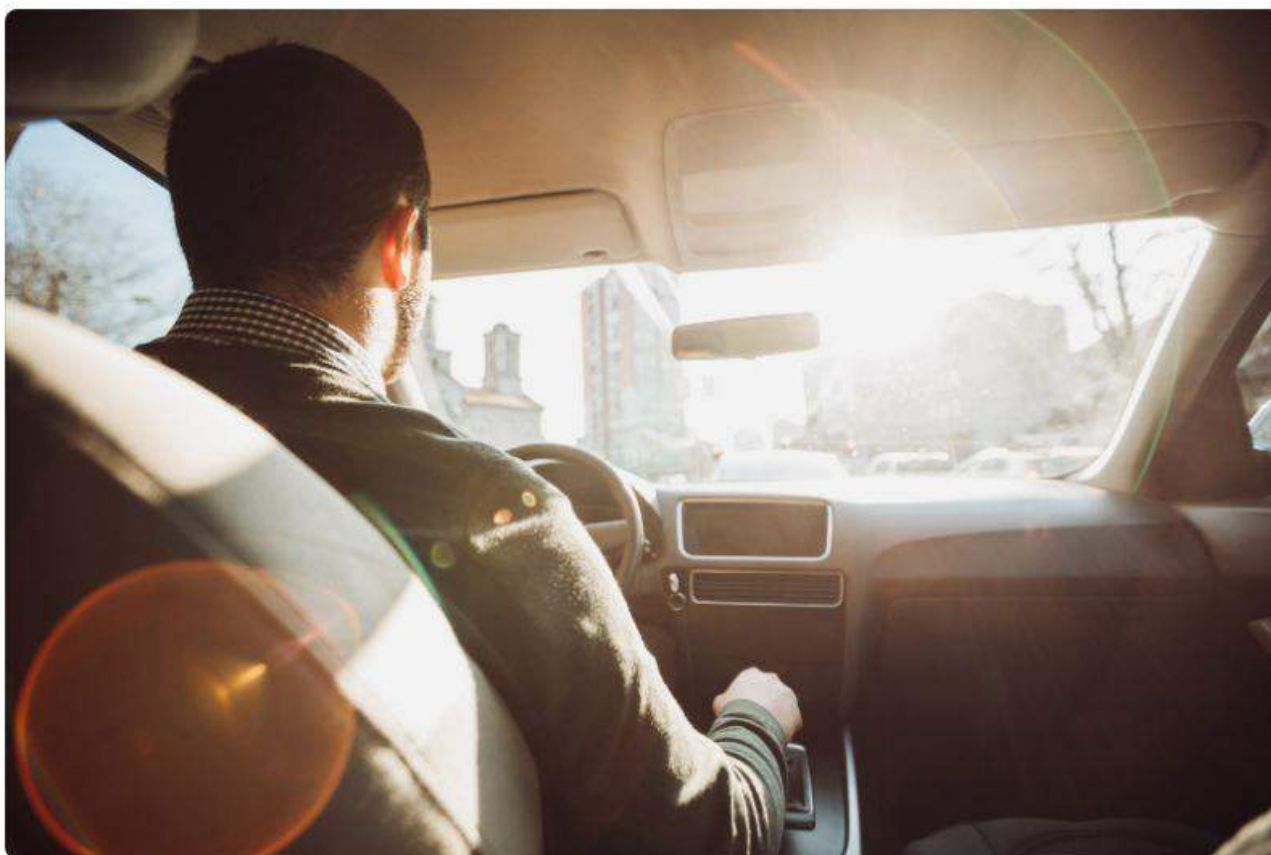
O velocímetro testemunhou o barulho do motor, as batidas aflitas do coração do motorista, em compasso com as cruzadas de pernas da tentação... Mandou aquela cantada, sugeriu uma cerveja. A figura, simpática, aceitou, foram parar numa barraca na favela, acomodaram-se na mesa, tomaram um porre, embolaram num prazer irrecusável!

Pagou a conta, levantou, sendo acometido da labirintite; a partir daí, ganhou asas, ingressou nos aposentos da conquista, entregou a alma ao acaso...

Acordou, no dia seguinte, coçando o saco do travesti; escapuliu da cama, deu linha na pipa, abandonou a cena de amor, colocando a culpa na vertigem...

Depois da confissão, com medo de si mesmo, parou de beber, procurou refúgio na religião...

O vendedor de cerveja perdeu o freguês, encucou na dúvida: seria deslize ou vertigem?



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

incentivo à leitura



## "Salvadores da pátria"

**CONTO**

"Os habitantes da pequena cidade acordaram ao som de barulhos estrondosos. Então viram que eles cercavam as suas casas."

**IRACI MARIN**

## Conto

---

Os habitantes da pequena cidade acordaram ao som de barulhos estrondosos. Então viram que *eles* cercavam as suas casas. No início da noite, um som estridente, seguido de uma voz forte, comunicava que *eles* as ocupariam. Houve gritos, choros e ameaças. Alguns homens levantaram o punho cerrado e bradavam em altas vozes que *eles* eram invasores e assassinos. Alguns se ajoelharam, com braços erguidos para os céus, pedindo em voz alta a clemência divina. Houve tiros de fuzil e as pessoas silenciaram.

Os dias transcorriam com sobressaltos constantes, minando as pessoas de profunda tristeza. Era alguém que apanhava por olhar de atravessado para *eles*, eram barulhos incessantes de armamento no meio da noite, era alguém preso por qualquer suspeita, eram perseguições, ou um tiro mortal motivado por alguma palavra mal dita. Sem dó nem piedade.

Já não se ouviam as canções do final das tardes, não se via a correria das crianças pelas ruas ou o rebuliço dos sábados e domingos na praça. Já não havia odores de comida fugindo pelas portas e janelas, ganhando a rua e os narizes dos passantes. O calor do sol era seco e a lua, triste. Nos jardins, as flores murchavam.

Ouvia-se com frequência a notícia do desaparecimento de um ou de outro, um compadre, um vizinho ou conhecido, o tio de fulano. Ninguém lhes perguntava alguma coisa: era proibido perguntar. Ninguém falava o que pensava sobre aquela afronta: era perigoso.

Foi, assim, aumentando a tristeza e a desesperança da população. As pessoas se cumprimentavam sem gosto, comiam sem prazer, dormiam sem vontade. Não era raro ver-se pessoas caminhando de cabeça baixa, sentindo o peso da prisão.

Correu a notícia de que algumas moças tinham sido raptadas e eles se serviam delas nas capoeiras, nos campos, nas esquinas, com a mais absoluta normalidade. Os pais se desesperaram.

Certa noite, um bêbado se perdeu no caminho de casa e acabou entrando no descampado que rodeava a cidade. Depois de um tempo caminhando a esmo, percebeu que se afastara de casa. Foi quando ouviu sons de um movimento intenso ao longe, num galpão isolado. Ele se aproximou mais um pouco do lugar. Ficou olhando de longe, mal se sustentando nas pernas bambas. Apertava os olhos, depois abria com força para observar melhor, mas parecia que uma névoa atrapalhava sua visão. No galpão não havia qualquer tipo de iluminação e os faróis dos veículos era tênue. A coisa lá não podia ser feita de modo mais escondido, pensou, num relance de lucidez.

Deitou-se atrás de uma macega para não ser visto quando o comboio verde passou por ele, retornando para a cidade, e se aquietou. Descoberto, seria morto. Estava bom ali e só acordou com o canto das aves do campo iluminado pelo sol da manhã serena. Retornou com sol alto, ponderando que devia manter escondido atrás de seus olhos aquilo que tinha visto.

Quando chegou à casa, nem ouviu a reclamação da mulher. Comeu e foi sentar no fundo do quintal, a matutar, matutar. “Não posso morrer com este segredo macabro.”

Naquela noite, ele e um amigo foram até o galpão. Estava escuro e silencioso. Eles se aproximaram da construção tosca e espiaram pelas frestas; não viram nada. Arrancaram um pedaço de tábua da parede e se esgueiraram para dentro do galpão. Havia entulho de todo tipo sobre o piso de terra. Perceberam que a terra estava fofa, parecia recém mexida.

Com auxílio de um pedaço de pau e com as mãos, se puseram a cavar a terra macia. Não precisaram cavar fundo para sentirem algo mais consistente. Acenderam os isqueiros. Quase caíram de susto com o que viram. Quase vomitaram de medo. Era um cadáver em decomposição.

Depois do susto inicial, continuaram cavando aqui e ali e encontraram outros cadáveres. Foram examinando de perto aqueles corpos nus, com a luz tênue de seus isqueiros. O amigo do bêbado descobriu um corpo feminino, que logo reconheceu como o de uma ex-namorada. “Era medonha”, ele disse. “Uma briguenta. Agora está aí, mostrando pra quem puder ver o que só eu conhecia.”

Retornaram por uma trilha dispersa.

No dia seguinte contaram para os vizinhos o que tinham visto, estes comentaram com outros, e a notícia se espalhou pelas ruas. A indignação e as lágrimas aumentaram. Alguns tiveram certeza do que tinha acontecido com familiar que estava desaparecido. A cidade se tornava ainda mais silenciosa e cinzenta. Fora transformada numa terra de anseios e medo. Estavam nas mãos deles e não sabiam por quê.



**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou contos em diversas revistas, além de obras de ficção. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com).

incentivo à leitura

## *Cortiço Vento Forte*

**CONTO**

"Quartos improvisados, algumas janelas sem cortinas, calhas de isopor amarradas com fios de cobre e restos de vidros improvisando mesinhas nos bares."

**MÔNICA PALACIOS**



## Conto

---

Quartos improvisados, algumas janelas sem cortinas, calhas de isopor amarradas com fios de cobre e restos de vidros improvisando mesinhas nos bares. As ruas sempre são os extremos... barulhentas, tensas, musicais, intrigantes. Nesse mundo tão polifacético mora Araceli só que no ceio da família Arruda.

Ela não podia sair do quarto. Já alguns meses acamada, mas, com todas as regalias merecidas por seus anos de convívio ativo e exemplar. Sim, a nossa querida Araceli, a mais doce e animada do cortiço é mimada até hoje. Bom, ontem, desculpem.

Os espaços são reduzidos, as possibilidades mais ainda. Mesmo assim, Araceli tinha a sua cama orientada à janela que dava justamente ao único quintal do Cortiço Vento Forte

Famílias e mais famílias sobem e descem morros com aquele olhar de esperança. Há uma especial, grata e diferenciada, a família Arruda.

Sim, eles até resolveram acomodar num quarto os sete filhos, na movediça e arremedada beliche de 4 camas para respeitar a privacidade de Araceli. Não estou errada, são 7 que se acomodam em 4. E daí?

As crianças, todas em idade escolar, ativas, alegres e muito bagunceiras. Isso já foi o maior estímulo do sorriso de Araceli. Quando eram menores, os pais iam trabalhar e ela fazia salgadinhos, olhava as crianças e não descuidava de nenhuma tarefa do lar. Até cuidava de um cachorrinho vira-lata que se encantou por seus bolinhos de tapioca.

Faz um ano, ela pediu como presente do dia da mulher um apito de lata azul. Nem imaginam. Foi tão difícil achar quanto o tamanho da curiosidade de todos pelo bizarro pedido.

Esse apito era para arbitrar, de sua janela panorâmica, os jogos das crianças, para separar brigas, para indicar que estavam na hora de entrar e tomar banho, para tudo.

Inclusive, se alguma vez a brincadeira se dilatava e ela sentia dor de a interromper... só era suficiente ver aos pais chegando do serviço que o apito tocava de forma diferente: briuuuuuuuuu briuuuuuuuuuuuu... tudo combinado, um código, e a criançada corria rápido a tomar banho.

O jantar mingüado, mais líquido que sólido e até salteado, mesmo assim, os dias eram vividos em clima de alegria.

Desculpem! Não posso esquecer... seria impossível imaginar um “*boa noite*” sem a história lida por Araceli. Ela intuía que, voar pelo mundo imaginário das histórias, era terapêutico e o melhor, para enfrentar o próximo dia.

Até hoje, cada um dos integrantes da família Arruda, lhe agradece infinitamente...



### **Mónica Palacios**

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

incentivo à leitura



## *A Sexta Vítima*

**CONTO**

"Que East End da era vitoriana era uma região sórdida ninguém duvidava; não por vontade da maioria que ali era obrigada a morar, pois, se fosse-lhes dada a opção de escolher, certamente prefeririam residir nas cercanias do Hyde Park."

**ROBERTO SCHIMA**

**Conto**

Que East End da era vitoriana era uma região sórdida ninguém duvidava; não por vontade da maioria que ali era obrigada a morar, pois, se fosse-lhes dada a opção de escolher, certamente prefeririam residir nas cercanias do Hyde Park. Refúgio de desempregados, beberrões, vagabundos, salteadores, assassinos e prostitutas, o aspecto imundo, lúgubre e fétido da região, particularmente no distrito de Whitechapel, era o suficiente para fazer qualquer pessoa dita de bem torcer o nariz, sentir calafrios, quando não, chorar. Suas calçadas e ruas estreitas, as sarjetas, os becos escuros, os pátios, as pessoas em trajes puídos e olhares soturnos retratavam o que de pior e mais triste havia no cenário londrino. Mas ainda era Londres, fazia parte dela, de sua personalidade enquanto um todo. Era somente o outro lado da moeda que trazia o Palácio de Buckingham e seus salões suntuosos em seu anverso, como Mr. Hyde e Dr. Jekyll ou Dorian Gray e seu nefando retrato.

Era a obscuridade sob o verniz cavalheiresco regido pelas formalidades.

Era a sujeira varrida para debaixo do tapete.

O lado podre da maçã.

Alguém já havia dito que, em Whitechapel, o Sol jamais nascia e as flores nunca vingavam. Seu céu era sempre carregado e sombrio, tão repleto de matizes cinzentos quanto os alojamentos opressivos e edifícios monocromáticos. Durante as noites frias e úmidas, as estrelas raramente eram vistas. Em suas vielas, os operários divertiam-se, ocultos pela escuridão e a névoa rastejante.

Foi em agosto de 1888 que tudo começou.

Uma criatura do mal passou a percorrer as ruas sinistras, precariamente iluminadas por postes de lâmpões a gás. Era uma sombra entre sombras, mais escura que a escuridão. E trouxe o terror aos transeuntes que viam na noite o sua opção de lazer por alguns trocados. De onde surgira, ninguém saberia dizer, tampouco a sua identidade. Só o pavor que passou a gerar tornou-se palpável.

As mortes ocorreram em série, a exemplo dos produtos criados pelas engrenagens da Revolução Industrial.

\*\*\*

Elas vieram de lugares distantes, até do continente, trazidas pela necessidade de melhores condições de vida ou buscando refúgio às perseguições que seu povo sofria no país de origem. Eram seres humanos desamparados e carregavam dentro de si suas esperanças, seus medos, suas recordações e seus anseios. Paulatinamente, viram destruídos os últimos vestígios de sonho ante a crua realidade. O espectro da fome e da completa miserabilidade levava-as ao impensável, roubara-lhes a humanidade. A devassidão arrancara-lhes o pudor. O desespero arrebatara-lhes os princípios. E tudo o que restara fora um leito sórdido ou um beco escondido onde suas purezas — agora não tão puras — eram vendidas por algumas moedas que permitissem-lhes ao menos pagar a próxima refeição, uma cama num albergue ou um copo de *gin*.

As vítimas seguiram-se uma após a outra. Todas prostitutas. Todas tiveram suas gargantas cortadas. Cada qual trazia em seus corpos requintes de crueldade cada vez maiores: o ventre aberto, órgãos retirados, faces desfiguradas, ossos arrancados.

A população local — formada, entre outros, por imigrantes irlandeses e judeus fugidos do antissemitismo na Europa — apavorou-se. O terror tomara conta das mil e duzentas mulheres que vendiam seus corpos em Whitechapel, fosse num dos sessenta e dois bordéis ou pelas ruas, vielas e becos.

— Dizem que os cortes foram realizados por alguém com experiência.

— Um médico louco!

— Ou um açougueiro... Os grupos de vigilante estão de olho em quem carrega uma maleta preta por aí. Imaginam ser nela que o assassino guarda suas facas. Como se não pudesse levá-las na cintura!

— Um policial amigo meu contou que o criminoso é canhoto.

— Como ele sabe? Ei, não me olhe desse jeito — falou, levando o copo de *gin* à boca com a mão esquerda. — Sou canhoto, mas nem por isso saio por aí retalhando mulheres!

— Foi o que os peritos concluíram. Tem até boato de uma carta escrita pelo louco, enviada ao comitê de vigilância. Falam que ele remeteu-a junto com um pedaço de rim humano!

— Misericórdia! Onde este mundo irá parar? No inferno?

— O mundo eu não sei, contudo, certamente essa carta veio de lá, do próprio inferno. Açougueiro ou médico maluco, meu amigo da lei disse que no departamento estão todos confusos. Acham que, para fazer o que o assassino fez, teria de se levar uma hora. Uma hora! Como alguém, em plena rua, pôde fazer tamanhas barbaridades em uma hora e ninguém ver ou ouvir?

— Vê-se que você não costuma andar muito à noite por Londres. Há muito pouca iluminação. Escuridão demais. Quando o nevoeiro chega, então, mal se enxerga uns metros diante do nariz. Ademais, ninguém presta atenção em coisa alguma. Quem anda pelas ruas, só quer chegar rápido em casa. Dane-se o que ocorre num quintal ou num beco. É cada um por si.

— Mas, as mulheres...

— Elas deram azar.

\*\*\*

Era fins de novembro de 1888.

A madrugada avançara sobre Londres.

Aquele a quem a imprensa ávida por vender seus jornais apelidara de "Jack, o Estripador" preparou-se para apanhar a sua sexta vítima. Estava um frio enregelante e, ele, sentia-se inquieto. As ruas, quando não estavam mais desertas que de costume, eram percorridas por policiais ou pelos tais vigilantes. Tornava-se cada vez mais difícil saciar o demônio dentro de si. Ele estava faminto e exigia o seu tributo. Alisou as pontas do bigode para acalmar-se. Esfregou uma mão contra a outra. Sentiu as lâminas ocultas nas

mangas de seu casaco. Isso tranquilizou-o um pouco. Eram como extensões das suas unhas e dentes. E dilaceravam a carne morna e branca, tingindo-a de escarlate. Suspirou.

Quando estava prestes a sair de seu esconderijo, assustou-se ao escutar algo acima de sua cabeça. Ergueu o rosto comprido, porém, não viu nada além do negrume do céu e as paredes escuras do edifício junto ao qual estava. Um pequeno rastro em meio ao nevoeiro disse-lhe que, provavelmente, tinha sido uma coruja a caçar roedores, uma coruja grande.

Procurou fazer seus passos soarem silenciosos, o que era quase impossível nos calçamentos de pedra. Virou uma esquina, atravessou uma rua e, prestes a descer uma ladeira, avistou-a.

Quase passou-lhe despercebido, pois a silhueta da mulher dissolvia-se rapidamente na neblina.

O Estripador acelerou seus passos. Precisava tomar cuidado para não escorregar no piso molhado. Quanto mais avançava ladeira abaixo, mais próximo ficava de sua presa. E o demônio dentro de si regozizava-se, antevendo o banquete. Diante dele, para além da bruma, desfilava-se o sinuoso rio Tâmis e o verdadeiro oceano de casebres miseráveis. Acelerou.

Finalmente, acercou-se da mulher. Pôde perceber detalhes a luz de um lampião próximo. Ela estava bem vestida, o que, por si, era excepcional. Não parecia ser uma roupa londrina, um vestido importado talvez. Uma prostituta bem sucedida não estaria andando pelas ruas àquele horário. Sequer trabalharia nas ruas. Uma madame perdida não se encaixava no perfil das donzelas londrinas que jamais saíam desacompanhadas e, muito menos, pelo East End. A hipótese que julgou mais provável, enquanto deliciava-se com o momento, foi a de que, provavelmente, tratava-se de uma prostituta que roubara tais vestes, sob circunstâncias que somente ela poderia dizer.

Quando estava perto o suficiente, sentiu o perfume. Tinha uma qualidade incomum. Definitivamente, não se tratava de uma infeliz qualquer. Isso excitou-o ao extremo. Levou a mão esquerda para o interior da manga direita do casaco. A lâmina cintilou prata sob a fraca luminosidade.

A infeliz retardou o passo e o Estripador aproveitou o momento.

De um salto, agarrou-a por trás, tapando a boca com a mão livre, enquanto a outra, empunhando a faca, preparou-se para o primeiro corte na garganta da vítima.

Ao tornar a inalar a fragrância emanada daquele pescoço e dos cabelos sedosos, longos e claros, o assassino sussurrou numa pilhéria:

— Olá, "alteza"...

Porém, em vez do gemido indefeso que esperava ouvir e o debater desesperado de quem antevia a própria morte, foi surpreendido pela força incomum daquela mulher ao segurar o braço com a lâmina e a dor profunda de uma mordida na sua outra mão.

O homem emitiu um grito sufocado. Seu braço esquerdo foi torcido e ele viu-se de joelhos no calçamento de pedras. A seguir, seu cérebro explodiu de dor diante dos ossos sendo partidos. A faca caiu. O suor porejou abundante de sua testa, não obstante a madrugada fria. A dor lancinante atravessava-lhe o cérebro. Berrou a plenos pulmões ao sentir a faca atravessar seu antebraço direito, descendo até o cotovelo. O sangue inundou

a manga do casaco por dentro e a outra lâmina, menor e mais afiada, escorregou de seu esconderijo.

Londres nada escutou, nada viu, nada falou.

A princípio, o Estripador não pôde ver o rosto da mulher, todavia, agora, banhado pela luz difusa do luar a infiltrar-se através da névoa, ele, horrorizado, fitou-a feito uma criança que, ao olhar debaixo da cama, descobriu serem autênticas as antigas histórias de monstros escondidos. Seus olhos grandes arregalaram-se ainda mais. Sua boca tremeu sob o bigode. Viu-se diante de seu próprio pesadelo transformado em morte.

A criatura do mal escancarou seus lábios de um vermelho vivo, exibindo os caninos anormalmente longos. Ainda havia sangue a escorrer de suas pontas e a trilhar caminho por seu queixo: sangue da mordida dada na mão do maníaco. Havia algum tempo, ela percorria as ruas sinistras e pouco iluminadas. Ela era uma sombra entre as sombras, mais escura do que a própria escuridão. Trouxera um pavor palpável entre os frequentadores de bordéis, aqueles que sentiam prazer ao aproveitarem-se do corpo de uma mulher. Viera de muito longe, do velho continente, onde as lendas possuíam a força da realidade.

— Não... — conseguiu balbuciar o Estripador.

Ela cravou seus dentes na garganta do maldito. Sentiu o corpo dele estremecer a medida em que estraçalhava a jugular numa voracidade incomum. Não, não voracidade, mas ódio, ódio puro e destilado que jamais sentira por outro alguém. Tanto que, em vez de engolir aquele sangue que ora inundava a sua boca, cuspiu-o, enojada. E, enquanto desfrutava os últimos estertores daquele assassino bem vestido, respondeu-lhe, enfim, no mesmo tom de escárnio, a derradeira ironia:

— Olá, Alteza...

E o monstro — apelidado de Jack, o Estripador — se foi.

Então, ela levou aquele corpo para um bosque ermo e distante. Lá, metodicamente, passou a esquartejá-lo com as próprias lâminas do Estripador. A medida em que o cortava, as árvores ao redor fizeram-na lembrar sua terra natal, sua aldeia, sua cabana e a despedida da irmã mais velha que iria tentar a sorte para além do Canal da Mancha.

— Adeus, irmãzinha — dissera-lhe, enquanto acarinhava suas madeixas. — Não chores. Farei fortuna na Inglaterra e retornarei para casa.

— Volta logo, Liz — pedira a caçula.

— Voltarei.

Todavia, a irmã jamais retornara. E, anos mais tarde, já crescida, ao partir a sua procura, a jovem fora interceptada por uma entidade das trevas que fizera dela uma igual. Não obstante a criatura que se tornara, a busca da mulher não havia sido concluída, e ela continuara, sangue após sangue através da Europa, atrás da única pessoa que fizera-lhe conhecer a gentileza, o afago e o afeto. Por fim, descobrira, já em Whitechapel, que isso jamais se tornaria a repetir. O calor de sua irmã fora-lhe roubado por uma lâmina fria, assim como a fealdade londrina estilhaçara seus sonhos de fortuna. E a procura da vampira tornara-se outra.

Terminada a sua obra, pôs-se de pé a admirá-la. E falou:

— Arda no inferno, besta hedionda! Ainda que o tempo te transforme em mito e teus crimes sejam observados com fascínio mórbido por almas doentias, tu não passas de

um lixo covarde. Descarregavas tua impotência em mulheres fracas, infelizes e indefesas. És menos que uma ratazana de esgoto. És menos que uma poça de escarro.

Mais tarde, meia hora antes do alvorecer, diante de um túmulo recente e descuidado, a criatura depositou uma flor.

— Adeus, querida irmã. Encontrais na morte a paz negada em vida.

Ergueu suas asas e partiu, acompanhando o rio Tâmisia até este desaguar no Mar do Norte. Restava-lhe somente uma última tarefa: encontrar e matar seu criador. Então, quem sabe, poderia ela própria alcançar o descanso eterno ao lado do espírito de Liz.

\*\*\*

### NOTA DO AUTOR:

Publicado originalmente na antologia "Becos de Londres" (Dark Books, 2020), organizada por Natália Luna.

Roberto Schima é paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de mais de cento e sessenta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>





## *Mistério em Ouro Preto*

**CONTO**

"O nevoeiro tomou conta mais uma vez de Santos, cidade litorânea do Estado de São Paulo, a mais populosa da Baixada Santista."

**MÍRIAM SANTIAGO**

## Conto

O nevoeiro tomou conta mais uma vez de Santos, cidade litorânea do Estado de São Paulo, a mais populosa da Baixada Santista. Não é muito comum no mês de julho, e o quarto episódio foi registrado no dia 20, neste ano de 2022.

Falando assim você leitor deve estar se perguntando, qual a novidade este assunto nos traz? Para mim nada de novo, mas ao retornar do trabalho no dia mencionado, me deparei com um vizinho do térreo do edifício em que moro, o senhor Fernandez, um idoso que veio da Espanha ainda criança. Mudaram-se para cá porque naquele país a família passava necessidades financeiras e o pai, convidado por um parente, assumiu a gerência da Bolsa do Café de Santos, situada no Centro Histórico, mas como não deu certo, foram tentar a sorte em Minas Gerais.

O senhor Fernandez, contudo, estava um tanto estranho naquele fim de tarde e assim que estacionei, veio me pedir ajuda.

— Já viu como não se consegue mais enxergar as casas no morro? Perguntava apontando para o Morro Santa Terezinha — o mais alto de Santos, com 220 metros de altura. Lá de cima, dá pra ver toda a Cidade e, em dias claros, partes de São Vicente e Guarujá — estou intrigado, não gosto de nevoeiros, ai, ai, ai... isso não é bom! Ia falando o velhote com um semblante totalmente alterado.

Fui caminhando até a porta do prédio e ele atrás resmungando. Entramos, mas antes de me dirigir ao andar de cima, a preocupação com o estado emocional do vizinho me deixou ficar mais alguns minutos com o homem, que me fez entrar em seu apartamento.

— Senhor Fernandez, o que está acontecendo, porque toda essa aflição? Indaguei.

— Meu jovem, veja como estou tremendo — e as mãos do pobre idoso balançavam tanto que ao tentar segurar um copo com água o líquido foi derramando por toda a sala.

Ao questioná-lo mais uma vez, ele se pôs a falar...

*Tudo começou quando fomos morar em Minas Gerais, precisamente em Ouro Preto, lá meu pobre pai foi tomar conta de uma espécie de pousada, assumiu a gerência do lugar e minha mãe a cozinha, fazia o café e o jantar dos hóspedes, ocasião em que eu e minha irmã estávamos no primário. Foram momentos ótimos, meu pai prosperou, conseguiu adquirir um pequeno imóvel e assim fomos crescendo. Minha irmã sempre fora comunicativa e se dava bem com os amigos, nos estudos e em tudo o que se dispunha a fazer. E eu sempre mais contido, mas também conseguia me dar bem em meus compromissos.*

*Já era um rapaz com meus 17 anos e para ajudar a família passei a trabalhar. Minha irmã Dolores, mais velha cinco anos, iniciava curso na faculdade e como escrevia muito bem conseguiu um emprego na redação de um jornal local. Já eu fazia um pouco de tudo e num certo dia, após a missa de domingo na capela das Mercês, perto de nossa residência, o pároco veio ter comigo, me ofereceu um emprego de zeladoria, pois iria para a Capital participar de um Congresso para padres, bispos, consagrados e líderes pastorais e eu fiquei encarregado de cuidar da capela.*

*Era uma daquelas noites frias e chuvosas de Ouro Preto, quando em Minas começa em outubro o tempo das águas. Estava já dormindo em um dos quartos da eucaristia quando escutei um barulho.*

*Ainda sonolento coloquei os óculos, o relógio da cabeceira marcava meia-noite. O horário já me deu um arrepio na espinha, mas mesmo assim, deveria honrar a minha função ali, de proteger a igreja, pois bem, coloquei um roupão, calcei os chinelos e fui pisando leve para não fazer barulho. Mas quem poderia se atrever entrar no templo, já que era pobre e qualquer pessoa, por mais desavisada que fosse, só de olhar o lugar saberia que a capela das Mercês não dispunha de grandes bens como prataria, ouro ou qualquer objeto que valesse um sacrilégio. Pensei, devo estar ouvindo coisas e ao dar meia-volta para retornar a dormir, o barulho ficou mais alto e desta vez, distintamente cantado por vozes estranhas, ouvi o “Deus nos salve” do começo da ladainha.*

*Então fui pé ante pé me escorando nas paredes. A igreja estava toda iluminada, com os lustres acesos e apinhada de fiéis. No altar-mor um sacerdote, devidamente paramentado, celebrava a missa. Engoli em seco, pois com certeza apaguei todas as luzes e tranquei as portas, como poderiam estar ali?*

*Os fiéis trajavam de preto. Entre eles, alguns homens de cogula e algumas mulheres de hábito da Irmandade das Mercês. Todos ajoelhados e de cabeça baixa, não me viram perambular e chegar mais perto, pois estranhei a nuca do padre, pelada, lisa e branca, já que nunca vi calvície daquele jeito no clero de Ouro Preto, que eu conhecia muito bem.*

*Então foi quando o celebrante foi dizendo palavras em latim e gesticulando que percebi que este tinha uma caveira em lugar da cabeça. Com a mão à boca, para não gritar e o coração batendo acelerado, dei um passo para trás, quando me desequilibrei derrubando um cálice, tirando a atenção da reza e dos fiéis, que também em pé, voltaram seus olhos para mim. Foi a pior imagem que vi em toda a minha vida, pois além do suposto pároco todos não passavam de esqueletos vestidos!*

*Me benzendo sem parar, corri para a porta ao lado, que estava escancarada e tentei fugir daquele horror, mas me deparei com mais esqueletos vestidos de preto, que guardavam a porta que dava para o cemitério do adro. Corri então para a porta da frente, que trancada, as chaves estavam no quarto. Nisso, por atrapalhar a missa, todos os esqueletos se voltaram para mim apontando. Uma névoa tomou conta do lugar e entre os fiéis, veio em minha direção o pároco, que irritado deixou o altar-mor. Apontando para mim escutei uma voz dizendo que outrora, no tempo certo, eu iria acertar as contas por ter atrapalhado a missa e foi falando muitas coisas, que naquela hora eu já não conseguia escutar mais nada, e quando todos começaram a avançar em minha direção, cai ao chão e não conseguia me levantar, uma força descomunal me mantinha parado e várias vozes diziam palavras que não conseguia compreender, até que “farás parte do grupo” eu entendi e ao ver o sacerdote bem próximo de mim, desmaiei.*

*Ao abrir os olhos e conseguir me levantar, não havia mais névoa, a capela estava vazia, a porta fechada e as luzes apagadas, como se nada tivesse acontecido. Confuso e com a cabeça doendo pelo desmaio, consegui chegar ao quarto. Estava completamente zonzó e toda a cena ainda permanecia em meus pensamentos, me deixando apavorado!*

*Quando o padre chegou já sabia o que acontecera, pois minha história foi a maior chacota da cidade. Foi então que me mudei para Santos sozinho e nunca mais contei aquele episódio para mais ninguém, e, aos poucos, deixei pra lá, até que hoje tudo aquilo voltou a minha mente, uma lembrança que quisera ter esquecido...*

Consegui acalmar o idoso e colocá-lo na cama para dormir. Não falei, mas é claro que não acreditei em nada do que contara, como pode uma missa para os mortos?

Depois de dois dias, outros vizinhos deram conta da presença do senhor Fernandez, que ao não atender a porta, perceberam algo errado ao sentirem certo odor vindo do apartamento.

A polícia reuniu todos do prédio, pois queria saber quem era um tal de Filipe, já que o senhor Fernandez escrevera em vários papéis espalhados pelo apartamento episódios de um suposto ataque, os bilhetes, que diziam: “Filipe, a névoa tomou conta do apartamento”; “Filipe, eles vieram me buscar”; “Filipe, não consigo gritar, não consigo se quer andar”; “Filipe, você foi o único que não debochou de mim... eles estão aqui”, sinuavam que o idoso passava por demência, já que não havia nenhum sinal no corpo de enforcamento, esfaqueamento ou qualquer outra agressão e a causa da morte, ataque cardíaco.

E assim, o caso foi encerrado, o senhor Fernandez enterrado e uma sobrinha (Amanda) advogada veio de Minas Gerais para cuidar do inventário. Ela me procurou, por ser o único nome mencionado pelo tio.

Juntos começamos arrumar as coisas, roupas, sapatos e utensílios para doação, além de outros preparativos. Mesmo triste pela vida solitária do tio, que segundo o atestado sofria de esquizofrenia.

Foi quando nos deparamos com uma gaveta cheia de cadernos e calendários, os desenhos deixados pelo homem eram de caveiras que marcavam o dia exato que viriam buscá-lo, caveiras com vestimentas, missa.

E para quem achava lunático o idoso, com uma arrumação mais detalhada, conseguimos encontrar objetos quebrados embaixo da cama, além dos batentes da copa e da cozinha que estavam arranhados, assim como ao puxarmos o tapete, várias marcas de arranhões...

A história é uma adaptação do folclore de Minas Gerais “A missa dos mortos” e homenageia o Dia do Folclore, comemorado em todo o país no dia 22 de agosto

**Miriam Santiago: jornalista** (Assessoria de Comunicação) e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: [mirianssantos@gmail.com](mailto:mirianssantos@gmail.com)

Já são mais de  
**260** mil seguidores

Facebook + Instagram

Site: quase  
**3** milhões de acessos



PATROCINE A

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS  
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015

86 edições  
disponíveis

entre em contato:

ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

NO AR  
DESDE 2015

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.09.2022

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

**Youtube:** @conexaonerd